



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**HABILITAÇÃO EM PRODUÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

**LEANDRO SOUZA DOS SANTOS**

**A Beleza Invisível:**  
Registro da (in)visibilidade das artes plásticas e visuais  
produzidas no Subúrbio Ferroviário de Salvador

Salvador  
2014

**LEANDRO SOUZA DOS SANTOS**

**A Beleza Invisível:**

Registro da (in)visibilidade das artes plásticas e visuais  
produzidas no Subúrbio Ferroviário de Salvador

Memorial apresentado ao Curso de Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, em 2014.2. Para fins de obtenção do Título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Severino

Salvador  
2014

## **Resumo**

Este trabalho é o memorial descritivo do projeto *A Beleza Invisível: Registro da (in)visibilidade das artes plásticas e visuais produzidas no Subúrbio Ferroviário de Salvador* que reuniu cinco artistas plásticos e visuais, residentes em bairros do Subúrbio, garantindo-lhes espaço em um curta documentário para expor suas próprias percepções de arte, mercado e a valorização das suas produções. A finalidade deste projeto é contrapor o habitual discurso disseminado de que a periferia abriga apenas um estágio permanente de vulnerabilidade social, estigma ecoado de diversas formas – inclusive pela veiculação midiática – que acaba se interiorizando no imaginário dos próprios moradores do Subúrbio, vizinhos estes, desconhecedores de uma beleza ofuscada pelo preconceito e pela ignorância.

**Palavras chave:** *Subúrbio; Salvador; artes plásticas; artes visuais; documentário.*

À memória de meus avós  
Zilda e Alfredo,  
e da minha estimada tia  
Ana Zilda,  
minhas eternas  
referências de Subúrbio.

## AGRADECIMENTOS

Se pra Jobim “*é impossível ser feliz sozinho*”, pra mim “*é impossível graduar sozinho*”. Desde 2010 foram tantos apoios, ajudas e apostas de que tudo daria certo que, mais do que agradecer, quero dedicar este projeto aos que estiveram comigo e afirmar que “A Beleza Invisível” é uma realização nossa que resultou dessa sorte que foi encontrá-los.

Agradeço a Deus pelo dom da vida e pelas oportunidades que surgiram no caminho.

Aos meus pais, Ruth e Edson, pela doação constante em troca da minha felicidade.

À Vilma Santos e José Eduardo pelo encontro e por tudo (tudo mesmo) o que sucedeu a este ponto de partida, e ao Acervo da Laje por existir e me acolher.

À Jana, Jordan e Mila pela Agência, pelo Observatório, pelo Cacholinha, pelo amor, incentivo, confissões, brigas, viagens e por estarem por perto, sempre. Amo vocês!

A Caio, Elbêna, Ítalo, Lorena, Mariana, Marília e Rauli, por serem a minha família faconiana que brilha muito e é pura sucessagem. Somos a melhor familiarê!

À Dani Rodrigues pela inspiração poética do projeto “Feito pedaço de mim” (2014), pela amizade/parceria e por estar presente mesmo em momentos de distância.

À Cal, Delly, Jeni, Larinha Perl, Larinha Maiato, Lô, Maria Garcia, Nati, Paula e Quel pela amizade acolhedora e por serem essa coletânea de amor da cabeça aos pés.

A Márcio Bacelar, Fabrício, Geise e Cilene (Seagal) pela amizade, paciência, baixastralidade, avacalhação e por tornarem 2014 um ano inesquecível.

Ao meu orientador José Severino e às outras referências que me inspiram como Cláudio Cardoso, Ana Vaneska, André, Vadinha, Daniela, Juraci, Junia, Luciano, Felipe, Kelzy, Isaac, Fabianna, Laura e João, obrigado por apostarem em mim nos últimos anos.

À Facom, ao IACS, a Agência Experimental, ao Centro Cultural Plataforma, ao Teatro Módulo, à Suprocult (Secult/BA), à Primeira Página Produções, ao Teatro Poeira, à Universidade das Quebradas e à Cipó pelo aprendizado que me trouxe até aqui.

Agradeço de coração a Álvaro Réu, Camila, Ualex, Ian, Rogério e Letícia Vilaronga pela doação que tornou o doc. “A Beleza Invisível” um desejo possível e realizado.

E, por fim, agradeço imensamente aos artistas Índio, Ivana, Perinho, Ray Bahia e Solis pela sensibilidade, cuidado, confiança e por acolherem a mim e toda a equipe.

A cada um de vocês, a mais absoluta gratidão.

*“A favela nunca foi reduto de marginal  
A favela nunca foi reduto de marginal*

*Ela só tem gente humilde e marginalizada  
E essa verdade não sai no jornal*

*A favela é um problema social  
A favela é um problema social”*

**Eu sou Favela –  
Sérgio Mosca e Noca da Portela**

# SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	<b>8</b>
<b>2. Aporte teórico</b> .....	<b>12</b>
2.1 Arte: o que é e quem diz que é? .....	12
2.1.1 A diferença entre artista e artesão .....	14
2.1.2 A presença da mulher na arte .....	15
2.1.3 A arte no contexto social periférico .....	16
2.2 Situando a beleza .....	18
2.2.1 Onde está a beleza no Subúrbio de Salvador? .....	19
2.3 Subúrbio Ferroviário de Salvador .....	20
2.3.1 A visibilidade como campo de disputa .....	21
2.4 Definição de documentário .....	23
2.4.1 A necessidade do documentar e os desafios do entrevistar .....	25
<b>3. Documentando a beleza</b> .....	<b>28</b>
3.1 Pré-produção .....	28
3.2 Filmagens .....	29
3.3 Perfil dos entrevistados .....	30
3.4 Edição e lançamento do teaser .....	31
3.5 Próximos passos .....	31
<b>4. Considerações finais</b> .....	<b>32</b>
<b>5. Referências</b> .....	<b>33</b>
<b>6. Anexos</b> .....	<b>36</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O que é arte? O que é beleza? O que torna algo visível ou invisível em um contexto social? É possível produzir arte em um ambiente marcado pela pobreza e violência? Em quais condições a arte pode ser usada como instrumento de transformação social? Dúvidas como estas foram uns dos primeiros nortes para a realização deste projeto que somadas ao meu percurso acadêmico e proximidade com a elaboração artística do Subúrbio de Salvador, me levaram a aprofundar o entendimento acerca da atual valorização das artes plásticas e visuais produzidas neste território.

Mas, por que o Subúrbio? Por que as artes plásticas? Creio que a escolha deste local como recorte de pesquisa certamente tenha precedido o tema, pois como morador deste lugar (sendo nascido e criado aqui) convivo diariamente com as dualidades em disputa na repercussão deste espaço. Como suburbano, sei que moro em um ambiente marcado pela criminalidade, tráfico de drogas, pobreza, mas também percebo que me é possível partilhar da sensibilidade de produções artísticas e culturais por aqui, e é a este outro lado – menos visibilizado e abordado – que pretendo vincular este projeto.

Já a seleção dos artistas plásticos e visuais se deu pela observação direta de um aparente isolamento que estes conferem às suas produções, sendo mais comuns até do que nas outras linguagens artísticas. Enquanto que no teatro, na música e na dança muitos atuam em rede ou em coletivos, percebo que os artistas plásticos e visuais (excetuando aqui os fotógrafos e grafiteiros) são dos poucos que prosseguem com o seu fazer artístico sem muitas vezes conhecer ou interagir com os outros artistas da região, isto sem falar nas obras encontradas sem assinatura ou sem referências para localização do autor, o que estimula o desconhecimento e a invisibilidade dos mesmos.

Aproveito também para antecipar outro ponto importante desta proposta, o título. A priori, *A Beleza Invisível* é, ao meu entender, a soma da estética artística com os limites de visibilidade enfrentados pelos artistas moradores do Subúrbio de Salvador. Reconheço que é uma provocação contraditória, considerando que toda rotulação de beleza parte de uma prévia interpretação visual e pessoal, mas como o interesse aqui é despertar também uma reflexão sobre a (in)visibilidade condicionada à repercussão dos estigmas sociais, creio que o título em questão contempla a proposta e ainda dá margem para explorar a ideia do fazer artístico como ferramenta de transformação social.



Atendo-se apenas ao Subúrbio, a minha aproximação com os bastidores culturais me levou a compreender que a produção artística deste território tende a estimular em suas atividades o reforço da identidade étnica e da resistência cultural, tendo por finalidade a reafirmação dos agentes culturais suburbanos quanto as suas origens e a valorização do seu espaço. E disto, os artistas plásticos e visuais da localidade também parecem não abrir mão, visto que, a maioria das suas obras remetem ou referenciam o cotidiano e ancestralidade do próprio Subúrbio.

Além da distribuição destes artistas pelos quinze bairros<sup>1</sup> da região, a arte suburbana conta também com o reforço de espaços como o Centro Cultural Plataforma (Plataforma), o Acervo da Laje (São João do Cabrito), o Sofia Centro de Estudos (Escada), a Biblioteca Abdias do Nascimento (Periperi) e o reinaugurado Parque São Bartolomeu (Plataforma / Pirajá) – só para citar alguns exemplos – que buscam dialogar suas ações com a comunidade local, preservar a memória e a relevância histórica do lugar, e defender o Subúrbio como território de efervescência cultural, a fim de mostrar que mesmo com as dificuldades sociais as periferias são bem mais dos que os estigmas apontados constantemente pela mídia e pelos discursos de exclusão social.

Tendo em vista que certos discursos reducionistas e preconceituosos também se fazem presentes no imaginário dos moradores locais, avistei na proposta documental uma possibilidade de dar voz / visibilidade aos *artistas invisíveis*, a fim de entender suas próprias impressões acerca deste cenário suburbano que abriga simultaneamente os dois lados de uma mesma realidade, ou seja, as produções artísticas e culturais que coexistem com a criminalidade e a pobreza recorrente. Deste modo, alcançar uma identificação por parte do público com os depoimentos retratados é uma forma que vejo de enfrentar certas percepções equivocadas sobre o Subúrbio de Salvador, já que o discurso partirá de quem reside e trabalha neste mesmo espaço.

Dentre as possibilidades de se abordar a temática, optei pela realização audiovisual por conta do imensurável raio de visibilidade ao qual este projeto pode alcançar, seja pela exibição na TV, em DVDs ou compartilhamento nas redes sociais. Além do mais, é uma das ações conclusivas deste trabalho ofertar – como retorno e agradecimento aos artistas entrevistados – cópias de DVDs com o material completo para que possa ser utilizado também como meio de divulgação dos seus trabalhos.

---

<sup>1</sup> Considerando aqui apenas os bairros catalogados e registrados pelo site dos Correios. A lista com os 15 bairros pode ser vista junto com o mapa do Subúrbio (GoogleMaps) no anexo 1.

Para um processo de realização documental que contemplasse a proposta e atingisse um equilíbrio narrativo de curta duração, foram selecionados apenas cinco artistas plásticos e visuais: Ray Bahia (Periperi), Índio (Escada), Solis (São João do Cabrito), Perinho (Plataforma) e Ivana (Itacaranha). Os critérios de escolha que levaram aos cinco artistas aqui elencados foram: atuação e residência no Subúrbio Ferroviário de Salvador (destacando a relação dos mesmos com o território e a identidade suburbana), a relevância estética do trabalho artístico (considerando também a especificidade da matéria-prima utilizada em cada trabalho) e a realização de uma amostragem estimada em termos de idade e gênero. Sendo todas estas, alinhadas com as percepções pessoais de cada um sobre a valorização e o reconhecimento do próprio trabalho e a relação da produção artística com a veiculação subestimada do Subúrbio na mídia.

Todas as filmagens foram realizadas nos ateliês (e espaços improvisados para trabalho) destes artistas e, dias antes das gravações, todos foram visitados para detalhamento do projeto, agendamento de filmagem e aplicação de um questionário (anexo 2) que serviu de base para a conclusão do roteiro.

A minha proximidade com alguns destes artistas se deu em meados de 2011, quando estive envolvido no projeto de extensão *Observatório Universitário da Cultura Popular*<sup>2</sup> realizado pela instância acadêmica *Agência Experimental em Comunicação e Cultura (Facom/UFBA)* que promovia mapeamentos a grupos artístico-culturais de diversas modalidades em bairros periféricos de Salvador. Durante este período, tive a oportunidade de conhecer Ana Vaneska Santos Almeida<sup>3</sup>, coordenadora do *Centro Cultural Plataforma*, e José Eduardo Ferreira Santos<sup>4</sup>, pesquisador que atua no incentivo da elaboração cultural e preservação da memória no Subúrbio através de projetos como o *Acervo da Laje*<sup>5</sup>. Ambos colaboraram de formas distintas e deixaram marcas neste projeto, sendo fundamentais na indicação dos artistas.

---

<sup>2</sup> Um dos meios possíveis de ter acesso aos resultados da pesquisa alcançada pelo *Observatório Universitário da Cultura Popular* é este blog, usado pelos membros da Agência Experimental para registros: <http://observatoriodaculturapopular.wordpress.com/>

<sup>3</sup> Ana Vaneska é moradora do bairro de Periperi (Subúrbio de Salvador) é formada em Teatro (UFBA) e foi coordenadora do Centro Cultural Plataforma entre os anos de 2007 – 2014.

<sup>4</sup> José Eduardo Ferreira Santos é morador do bairro São João do Cabrito (Subúrbio de Salvador), é formado em Pedagogia (UCSAL), Mestre em Psicologia (UFBA) e Doutor em Saúde Pública (ISC – UFBA), além de idealizador, organizador e curador do Acervo de Laje.

<sup>5</sup> Espaço físico de elaboração da pesquisa, catalogação e exposição de obras produzidas por artistas locais, mantido com a colaboração de Vilma Santos, sua esposa.

Outra contribuição muito importante e simbólica veio do processo de mobilidade acadêmica, realizada em 2013, onde estudei Produção Cultural durante dois semestres na Universidade Federal Fluminense (Niterói/RJ) e pude participar de projetos como a *Universidade das Quebradas*<sup>6</sup>, uma iniciativa que estimula a aproximação das periferias com a pesquisa e formação universitária, e do estágio na Superintendência da Leitura e do Conhecimento, setor integrado a Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro e responsável pelo acompanhamento e supervisão do programa das *Bibliotecas Parque Rio*<sup>7</sup>, proposta esta que ultrapassa a noção de bibliotecas como espaços de leitura para centros de cultura, informação e conhecimento através de plataformas multimídias, sendo implementadas também em comunidades “pacificadas” da cidade do Rio de Janeiro, como Rocinha, Mangueiras e Alemão.

Através destas vivências somadas durante a minha formação, pude conhecer de perto alguns projetos artísticos e culturais realizados em bairros periféricos e socialmente marginalizados. Estas experiências que coexistem com a criminalidade local me estimularam a entender como a elaboração artística pode se tornar um instrumento de confronto (e superação) dos estigmas históricos de violência e pobreza que marcam as periferias e as isolam em uma margem de invisibilidade e silenciamento, e é esta uma das principais provocações que tento examinar através deste trabalho.

A ideia deste projeto foi submetida e contemplada pelo edital Curtas Universitários 2014, uma realização do Canal Futura em parceria com a Associação Brasileira de Televisão Universitária (ABTU) e apoiada pelo Projeto Globo Universidade/TV Globo. A iniciativa é voltada para o incentivo de produtos audiovisuais produzidos e/ou dirigidos por estudantes em fase de conclusão de curso. Os 20 projetos selecionados foram premiados com o valor de R\$6.000,00 (seis mil reais) para auxiliar nos custos de produção de um curta documentário com a duração de 13 minutos que será exibido em rede nacional no primeiro semestre de 2015.

---

<sup>6</sup> Projeto de extensão da Faculdade de Letras da UFRJ que cursei durante o segundo semestre de 2013 – durante a mobilidade acadêmica que fiz para o curso de Produção Cultural na Universidade Federal Fluminense em Niterói / RJ. Outras informações podem ser acessadas pelo site: <http://www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/>

<sup>7</sup> O programa das Bibliotecas Parque Rio é uma experiência inspirada nas cidades de Medellín e Bogotá, na Colômbia, e que visa também a inclusão social ao serem implementadas em bairros periféricos. Outras informações podem ser acessadas pelo site: [www.bibliotecasparque.rj.gov.br](http://www.bibliotecasparque.rj.gov.br)

## 2. APORTE TEÓRICO

Tendo em vista a necessidade de fundamentar esta realização audiovisual em um conjunto de referências teóricas que possam sugerir possibilidades de recorte e leitura sobre a *(in)visibilidade das artes plásticas no Subúrbio Ferroviário de Salvador*, fiz um levantamento bibliográfico acerca da arte, da beleza, do Subúrbio e do audiovisual.

### 2.1 ARTE: O QUE É E QUEM DIZ QUE É?

O termo arte, derivado do latim *ars*, comporta o sentido originário do grego: arte manual, ofício, habilidade (adquirida pelo estudo ou pela prática), trabalho, obra. Em sua acepção mais geral, arte significa todo conjunto de regras capazes de dirigir uma atividade humana qualquer. (TABOSA, 2005, p. 1)

Situando a arte como um resultado sensível da atividade humana e diferindo-a das coisas geradas por obra da natureza, pode-se dizer que é um dos conhecimentos presentes nas “primeiras manifestações da humanidade, pois serve como forma do ser humano marcar sua presença criando objetos e formas que representam sua vivência no mundo, o seu expressar de ideias, sensações e sentimentos, uma forma de se comunicar” (AZEVEDO JÚNIOR, 2007, p. 4).

Assim, a arte é um modo livre do artista traduzir o mundo à sua maneira, de se expressar e produzir registros que possam dialogar ou contrariar as informações partilhadas a sua volta, “socializar a emoção, de ‘trazer ao círculo da vida social os aspectos mais íntimos da experiência humana’” (VYGOTSKY *apud* LIMA GUIMARÃES, 2000, p.78), acendendo “o nosso desejo de viver, de produzir, trabalhar e tornar este mundo mais humano, mais significativo.” (SANTOS, 2012, p.13)

Deste modo, a arte permite ao homem a capacidade de transformar a natureza, ou melhor, de transformar a percepção que temos sobre a natureza, pois quando o ser humano faz arte, ele cria um objeto artístico que não precisa nos mostrar exatamente como as coisas são, e sim como as coisas podem ser, de acordo com a sua visão. “A função da arte e o seu valor, portanto, não estão no retrato fiel da realidade, mas sim, na representação simbólica do mundo humano” (AZEVEDO JÚNIOR, 2007, p. 4) e esta intervenção da arte na percepção de mundo é o que universaliza o empoderamento do artista sobre a realidade, independente de sua formação social.

Historicamente, como aponta Xavier Greffe (2013), as hipóteses sobre a origem da arte – muitas destas baseadas na antropologia – indicam divergências e contestações, sobretudo, no que tange as explicações acerca da estruturação social no período, o contexto religioso (culto ao divino) e o simbolismo presentes nas pinturas. No entanto, entender como se deu a introdução da arte no período Paleolítico superior nunca foi uma tarefa simples, já que a arte rupestre instiga pela sua técnica e sofisticação, tanto nas imagens pintadas ou gravadas nas grutas e nas cavernas, quanto nos objetos encontrados (o que os especialistas chamam de *arte portátil* ou *móvel*).

Já na Antiguidade, cujas referências são a Arte Grega e a Arte Romana, as obras que classificamos como obras de arte não eram tomadas como tal ou como existindo em separado de outras criações humanas. Elas eram ligadas a um cerimonial político-religioso e, em alguns casos, envolvidas com as ciências na mesma categorização de atividade racional. Aos poucos, foi introduzida uma diferença entre as atividades liberais e as vulgares ou servis, baseada no uso da energia física e intelectual, marcando este período com regras e discordâncias no entendimento e na definição da arte.

Esta ideia herdada na Antiguidade continua a preponderar na Idade Média, no qual a arte segue como uma aplicação da razão prática. Neste período é notável “a organização dos ofícios que possuíam uma dimensão artística, concentrando os artistas em ateliês onde eles produzem e vendem o produto de suas atividades” (GREFFE, 2013, p. 37 e 38). Aqui, o fato de se tornar um artista não é, necessariamente, resultado de uma vocação, mas um acompanhamento hereditário ou feito por indicação familiar, que converte os jovens em aprendizes que auxiliam na produção dos insumos e dos produtos. Outro ponto importante, é que o artista não é visto como criador, mas como um fazedor de arte (ele faz, mas a criação vem de Deus).

Do fim da Idade Média até o auge do Renascimento algumas mudanças foram sentidas no cenário artístico, o mercado para artesanato foi ampliado com a urbanização e a retomada do desenvolvimento econômico possibilitou a variedade de compradores e encomendas, dando mais importância aos pintores e escultores. Nesta fase, o conceito de arte foi reformulado ao reconhecer o artista como autor / criador (dado aqui de forma gradual e disputada), ao situar a arte no campo da imaginação e não mais da razão ou da imitação, e ao inserir novos conceitos, como a estética – aproximando-se assim das noções modernas de arte. (GREFFE, 2013)

“Enquanto a sociedade pré-capitalista tendia à extravagância, gerando o mecenato artístico, a sociedade capitalista impôs a lógica do lucro à arte” (FISCHER, 1983, p. 60) e, através dessa monetarização dos produtos e serviços, a definição de arte também passou por novas reivindicações, colocando em disputa a redefinição dos custos de uma obra e a diferença entre os termos artista x artesão.

### 2.1.1 A DIFERENÇA ENTRE ARTISTA E ARTESÃO

A legitimação do artista enquanto autor de seus trabalhos na Idade Moderna somada com a criação da Academia Real de Pintura e de Escultura (1648) e da Academia de Ciências (1666) permitiu uma dupla autonomia, a das artes em relação à ciência e as das ciências em relação às artes, encerrando assim as antigas classificações. Através dessa formação foi possível para alguns artistas uma elevação no nível social e econômico, viagens e estadias em lugares de prestígio, e a conseqüente erudição e conflito de vaidades no meio artístico, o que potencializou ainda mais as divergências entre o que vinha a ser arte contemplativa e arte utilitária.

Ao atribuir o status de intelectual ao artista (arte liberal), delegaram simultaneamente ao artesão uma imagem menos honrosa e repetitiva (arte mecânica), o que Wallace Rodrigues contesta ao apontar que “também, o artesanato sempre tem em sua essência, um esquema de pensamento onde o trabalho de fazer com as mãos dependerá de um planejamento (...). Neste sentido, artesanato também participa de um nível de abstração digno de ser chamado de arte”. (RODRIGUES, 2012, p. 87). Indo um pouco além, Mário de Andrade ainda reforça que “todo o artista tem de ser ao mesmo tempo artesão, (...) se perscrutamos a existência de qualquer grande pintor, escultor, desenhista ou músico, encontramos sempre, por detrás do artista, o artesão”. (ANDRADE, 1975, p. 12).

No entanto, não eram estas as percepções predominantes durante o período Absolutista, pelo contrário, para a Academia Real, a criatividade e a liberdade eram os critérios de base dessa separação que lançava o artesanato para o segundo plano e evidenciava a arte associada ao juízo estético. Assim, a cisão legitimada pelo Dicionário da Academia (1762) fora acompanhada de sérias tensões sociais, passando até pela marginalização do artesanato. Como se pode perceber, comumente a imagem do artesão ficara associada aos conceitos de imitação, de execução, de dependência, de comércio e de pequena empresa. (GREFFE, 2013)

Ao focar no que sustenta essa separação entre artistas e artesões até os dias de hoje, Rodrigues destaca também que “os privilégios das elites mundiais, das quais os europeus são os precursores, somente fazem com que a divisão arte *versus* artesanato tome caráter mais social do que realmente de valor estético” (RODRIGUES, 2012, p.93) e isto se sustenta mesmo com a globalização flexibilizando conceitos estéticos e enriquecendo as interpretações das obras de arte. Para ele:

pensar os fazeres estéticos dos ‘outros’ como formas verdadeiras de expressão artística é começar a vislumbrar um mundo com várias possibilidades de análise no campo das artes, é enriquecer as formas de criação e compreensão do que é arte hoje e deixar os artistas livres para exprimirem-se das maneiras mais variadas e genuínas possíveis. (RODRIGUES, 2012, p. 93)

### 2.1.2 A PRESENÇA DA MULHER NA ARTE

Assim como o próprio conceito de arte, o percurso histórico da mulher no meio artístico também passou por mudanças e instabilidades. Deste modo, devido à facilidade de encontrar mais homens do que mulheres durante a minha busca por entrevistados, optei em destacar também a presença feminina na arte, no qual, a visibilidade e o reconhecimento ainda prevalecem sob referências masculinas.

Em um período marcado pela forte influência da Igreja Católica, Greffe destaca que na Idade Média ninguém diferenciava entre o lugar das mulheres e dos homens no campo artístico já que eram através dos conventos e das abadias que um determinado número de mulheres, muitas vezes de origem nobre, tinham acesso à educação e ao que hoje seria chamado de práticas artísticas. Além disso, “o papel das mulheres estendia-se pela sociedade civil, e as guildas da época incluíam mulheres, mesmo que lhes fosse impossível herdar os ateliês ou empreendimentos comerciais de seus maridos, depois de sua morte”. (GREFFE, 2013, p. 40) Mesmo se tratando de uma época estritamente patriarcal, o envolvimento das mulheres com a arte era permitido e incentivado ainda que com algumas restrições, o que difere muito do período Absolutista.

No começo do Absolutismo, as mulheres foram reservadas a atividades pouco valorizadas socialmente, confinadas na maternidade e nos cuidados do lar. Em uma época que a circulação financeira estimulava o comércio de obras, “o sistema de guildas, ofícios e corporações levou, progressivamente, à exclusão das mulheres de toda a atividade profissional, lançando-as em um papel puramente privado. (...) As mulheres, então, foram consideradas as protagonistas da vida familiar” (GREFFE, 2013, p. 45)

Décadas adiante, com a criação da Academia Real de Pintura e Escultura (1648) e a expansão de meios para a formação dos artistas, as mulheres “antes excluídas dos ateliês ou relegadas a atividades de segunda ordem, tiveram acesso novamente a atividades artísticas. A evolução foi demorada, pois, no começo, alguns programas de formação das academias ficaram fechados para elas”. (GREFFE, 2013, p. 56) No Brasil, através da Academia Imperial de Belas Artes (1826), a resistência contra a presença feminina não foi diferente: “Durante o século XIX, a arte parecia ser uma profissão exclusivamente masculina. (...) As poucas mulheres que ousaram ingressar nesse sistema dominado pela academia eram julgadas por seus pares de modo pejorativo, como amadora”. (SIMIONI *apud* LEAL, 2012, p. 02)

É perceptível o quanto foi negado ou dificultado às mulheres a inscrição e reconhecimento dos seus nomes na história da arte, e o quanto lhes foram furtadas as presenças nos salões, ateliês e galerias durante esses séculos. Casos isolados como o da escultora francesa Camille Claudel (1864 - 1943), conhecida como amante de Auguste Rodin, a artista sofreu dificuldades de aceitação em academias e, apesar do talento em esculpir figuras nuas, morreu desconhecida em um hospital psiquiátrico. Essa trajetória rompida pela influencia de uma sociedade patriarcal, se soma aos de:

tantas outras artistas mulheres, sejam brasileiras ou europeias, que não constam nos livros de história ou em qualquer mídia especializada. Essas artistas caíram no esquecimento por muito tempo, a ponto de no Brasil considerarmos a presença da mulher nas artes plásticas apenas a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, com Tarsila do Amaral e Anita Malfatti. De fato, estas artistas foram muito importantes para a história da arte brasileira, mas só surgiram porque antes houve mulheres que lutaram pelo direito de estudar a arte na sua plenitude e de fazer parte dos salões, grande vitrine daquele século. Assim, as mulheres artistas brasileiras anteriores a essas duas artistas foram esquecidas, não merecendo um lugar de destaque na linha do tempo das artes plásticas. (LEAL, 2012, p. 2 e 3)

### 2.1.3 A ARTE NO CONTEXTO SOCIAL PERIFÉRICO

Como vimos pelos desdobramentos da História, a arte se insere em um terreno social de constantes disputas, onde se situam os embates de gêneros, de classes, de formações artísticas, isto sem citarmos o envolvimento direto da arte com a legitimação do poder que alcançou notoriedade também nos períodos ditatoriais. Desta forma, a arte como meio de legitimação, expressão e comunicação talvez seja um dos possíveis indicativos para esclarecer tamanha influência nos contextos e configurações sociais.



Provocações que abordam o papel da arte na sociedade, a função social exercida pela mesma ou a sua importância na formação e integração social costumam enquadrar a arte em conceitos que não correspondem a sua atuação complexa e dinâmica, “talvez seja mais apropriado então, não agregar a arte o termo ‘função’, mas sim ‘relevância’, pois (...) a arte teve muita relevância para com a sociedade, com a sua grande dimensão de mudanças, melhorias e conhecimentos proporcionados por ela.” (CHAVES, 2011, p. 14) Deste modo, a arte não precisa necessariamente responder a uma finalidade, nem tampouco ser limitada em utilidades, “no sentido pragmatista e imediatista de servir para um fim além dele mesmo” (CHAVES, 2011, p. 15), pois o fazer artístico contempla uma rede de múltiplas possibilidades, capazes de atuar tanto no indivíduo quanto no coletivo, inclusive, “nas áreas urbanas desfavorecidas ou de exclusão ao mesmo tempo social e territorial, o que leva à necessidade de transformar os “eu”, pouco eficazes, em “nós”, que o são mais”. (GREFFE, 2013, p. 289)

Considerando as possibilidades de desenvolvimento local em espaços desprivilegiados, não só a arte, mas toda “a cultura aparece como fator de uma melhor coesão social, de uma melhoria da imagem local, de redução dos comportamentos agressivos, de desenvolvimento de confiança dos agentes em si mesmo, de consolidação de parcerias públicas e privadas” (GREFFE, 2013, p. 281), o que sugere a coexistência da arte em ambientes marcados por descasos e mazelas sociais, e mais do que isso, a percepção da arte como possibilidade de transformação social.

Tendo em vista o Subúrbio Ferroviário de Salvador e a produção dos artistas plásticos e visuais residentes e atuantes nesta localidade, José Eduardo Ferreira Santos aponta inicialmente que “falar da arte e dos artistas invisíveis da periferia é se dar conta de que o nosso desconhecimento é maior do que o nosso saber; que o nosso preconceito é maior do que o que conhecemos e isto se constitui um desafio epistemológico”. (SANTOS, 2012, p. 2). Ao pesquisar sobre esta produção artística periférica, José Eduardo acusa que todo o empenho em manter estas ações na invisibilidade:

busca não valorizar que a arte e a cultura são universais, independem da região, local, situação social e econômica e assim tenho me empenhado em divulgar, mostrar, abrir veredas e construir pontes para que essa beleza não fique restrita e só possa ser conhecida pelos turistas que compram essas obras como se fossem somente artesanato, sem se dar conta de onde, como e em quais condições (muitas vezes desumanas, em situação de privação econômica) elas foram elaboradas. (SANTOS, 2012, p. 2)

## 2.2 SITUANDO A BELEZA

Visando o julgamento que aponta o “belo” e o “feio”, percebe-se que tal indicação parte de uma interpretação visual, sensível e pessoal associada ao agrado ou desagradado do que fora visto. Como sugere Kant: “para se distinguir se algo é belo ou não, referimos a representação, não pelo entendimento ao objeto em visto do conhecimento, mas pela faculdade da imaginação (talvez ligada ao entendimento) ao sujeito e ao seu sentimento de prazer ou desprazer.” (KANT, 2008, p. 47 – 48) Esta leitura, no entanto, também está vinculada a um referencial de beleza construído e partilhado socialmente, o que termina por estimular pré-determinações de gosto.

Já que este referencial de beleza também pode ser pré-estabelecido e precede ao julgamento pessoal, de que modo é possível defender como “belo” a obra de artistas situados na periferia em seu próprio território de elaboração? Especifico o seu próprio território porque, neste caso, muitas obras são até reconhecidas e valorizadas em outros espaços que não referenciam seu local de origem, mas que são transitados por pessoas interessadas em arte. Deste modo, ao saber que muitos destes artistas também não passaram por formações acadêmicas em arte e aperfeiçoaram sua técnica como autodidatas, como posso desvinculá-los do enquadramento de artesãos (apontando aqui o sentido reducionista do termo)?

Como já foi sublinhado anteriormente a provocação entre artista e artesão, a fim de obter uma explicação mais próxima do conceito de beleza e suas subjetividades para justificar como “bela” a produção dos artistas no próprio Subúrbio (território de elaboração), tentei recorrer à historiografia feita por Umberto Eco (2004), a teorização de Bodei (2005) e a contextualização dada por Greffe (2013), no entanto, é a interpretação dada por Simone Weil a que mais dialoga com esta tentativa:

A beleza é a harmonia do acaso e do bem. O belo é o necessário, que, embora permanecendo conforme à sua lei própria e só a ela, obedece ao bem. (...) A beleza seduz a carne para obter a permissão de passar à alma. O belo encerra, entre outras unidades dos contrários, a do instantâneo e do eterno. O belo é o que se pode contemplar. (...) O belo é uma coisa que se pode prestar atenção. (...) Uma obra de arte tem um autor, e no entanto, quando é perfeita, tem algo de essencialmente anônimo. Ele imita o anonimato da arte divina. Assim a beleza do mundo prova um Deus ao mesmo tempo pessoal e impessoal, e nem um nem outro. O belo é um atrativo carnal que mantém à distância e implica uma renúncia. Inclusive a renúncia mais íntima, a da imaginação. (WEIL *apud* SANTOS, 2012, p. 3)

Ao acompanhar de perto a elaboração artística (incluindo aqui as condições de improviso em que estas elaborações são feitas) e ouvir dos próprios artistas suas impressões sobre a beleza, concordo que o belo talvez esteja muito mais para a sensibilidade do que para a razão, muito mais para a inspiração do que para a técnica, e muito mais no inesperado do que no senso comum.

### 2.2.1 ONDE ESTÁ A BELEZA NO SUBÚRBIO DE SALVADOR?

Nos últimos anos, o Subúrbio Ferroviário de Salvador tem desenvolvido e participado de projetos que evocam, especificamente, a beleza natural e simbólica deste lugar e dos seus moradores. Assim, destaco aqui três dessas iniciativas que promoveram a visibilidade deste território através das percepções de beleza:

- *Exposição Cadê a Bonita? (2012)*<sup>8</sup>

Fotografadas por Marco Iluminati, com curadoria de Sérgio Guedes, projeto expositivo de Federico Calabrese e pesquisa de José Eduardo Ferreira Santos, essa proposta reuniu 36 fotos que retratam a presença feminina no Subúrbio Ferroviário de Salvador. A exposição ficou com visitação aberta entre os dias 27 de outubro e 25 de novembro, na Galeria Pierre Verger, no Campo Grande. O projeto foi uma revelação da diversidade feminina, cujas histórias silenciosas e invisíveis não costumam fazer parte dos livros ou da memória da cidade.

- *Exposição A Beleza do Subúrbio (2013)*<sup>9</sup>

Realizada por 26 jovens entre 10 e 16 anos de Itacarânia e São João do Cabrito (Subúrbio Ferroviário), após dois meses de oficinas ministradas por Marcela Hausen em parceria com o Acervo da Laje. A exposição ficou com visitação aberta na Estação de Travessia Marítima Plataforma – Ribeira no dia 14 de dezembro. O projeto foi criado no intuito de estimular jovens a lançarem um olhar próprio e diferenciado sobre sua região, para além dos estereótipos aos quais o ambiente normalmente está associado.

---

<sup>8</sup> As fotos da exposição “*Cadê a Bonita?*” (2012) podem ser vistas tanto na exposição permanente do Acervo da Laje (Endereço: Rua Nova Esperança, 34 E, São João do Cabrito – Plataforma, Salvador / Bahia) quanto podem ser acessadas pelo site:

<http://www.cadeabonita.blogspot.com.br>

<sup>9</sup> As fotos da exposição “*A Beleza do Subúrbio*” (2013) podem ser acessadas pelo site:

<http://www.belezadosuburbio.wordpress.com>

- *Campanha Postais das Periferias* (2012 – ainda em vigência)<sup>10</sup>

Lançado em 2012 pelo *Grupo de Comunicadores Jovens Mídia Periférica* (Sussuarana – Salvador), a proposta de registrar e difundir as belezas singulares das periferias foi sucesso no blog e nas redes sociais. Os postais, produzidos pelos correios, possuem imagens de lugares pouco frequentados ou divulgados, mas que podem ser inseridos no mapa turístico da cidade. Com a adesão de muitos moradores, os bairros do Subúrbio também foram representados na iniciativa.

### 2.3 O SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR

Formado por quinze bairros (sem considerar os ainda não catalogados pelo site dos Correios), a parte que opera o maior trecho da malha ferroviária situada à beira-mar do litoral-oeste da cidade e que ainda permite a integração com uma travessia marítima no bairro de Plataforma (travessia Plataforma - Ribeira); território que abriga a única reserva de Mata Atlântica em área urbana do Brasil<sup>11</sup>, um dos poucos espaços públicos de cultura fora do circuito tradicional da cidade (Centro Cultural Plataforma) e ruínas históricas ainda pouco pesquisadas; o Subúrbio concentra uma parcela expressiva da história e de toda a população de Salvador, sendo esta majoritariamente negra.

Para além das mazelas sociais, o Subúrbio possui também um variado repertório cultural nas diversas linguagens artísticas, opções de lazer e entretenimento (teatro, parque ecológico de livre acesso público, praias) e um aspecto ainda interiorano de sociabilidade que reverbera nas festividades religiosas e no cotidiano pacato dos jogadores de dominó, dos criadores de pássaros e dos pequenos comércios que sustentam a singularidade deste lugar na atual configuração urbana.

Historicamente, os subúrbios podem ser considerados também como “um posto privilegiado para observação e estudo das transformações da cidade e da formação das classes sociais”. (MARTINS, 1992, p. 8), visto que, com o aproveitamento da divisão geográfica em Cidade Alta e Cidade Baixa durante a sua fundação (1549), foi este um dos territórios de Salvador em que negros fugidos / alforriados e depois indivíduos que migravam do interior do estado para a capital na busca de melhoria de vida, resolveram se refugiar em períodos que não havia sequer planejamento urbano estruturado.

---

<sup>10</sup> As fotos da campanha “*Postais das Periferias*” (2012 - 2014) podem ser acessadas pelo site: <http://www.midiaperiferica.blogspot.com.br/p/postais-das-periferias.html>

<sup>11</sup> Informação extraída do site: <http://www.bahia.com.br/atracao/parque-sao-bartolomeu/>

Com a modernização e urbanização das cidades, esse excedente de pessoas aumentava à proporção que os anos se passavam, o comércio ia se fortalecendo e a industrialização chegava à cidade. Logo, a ideia de alto e baixo foi substituída por centro e periferia. Neste sentido, mesmo com os progressos históricos, tanto a moradia desordenada quanto a estruturação dos *ghetos* não se configuram isoladamente como situações do passado histórico, visto que:

... até os dias atuais, apesar da mobilidade espacial e social, a periferia de Salvador é essencialmente habitada por uma população negra, não sendo realmente reconhecida pela elite como parte da cidade, como demonstra o descaso evidente dos poderes públicos... a organização original centro/periferia foi acentuada pelo fato de se por em prática uma verdadeira política de segregação. (SANGODEYI-DABROWSKI, 2003, p. 174)

O legado da ancestralidade negra e da referência interiorana somado a um contexto de segregação sócio-racial (ainda presente na cidade de Salvador) levou o Subúrbio a assumir uma postura de resistência político-social e reforço dos valores étnicos e religiosos que terminam por se expressar também no seu fazer artístico. Por aqui, o sincretismo continua evidente, mesmo com o enfrentamento direto da evangelização neo-pentecostal, um fenômeno recente de proselitismo.

Deste modo, condenado historicamente à marginalidade social e desassistida pelo descaso político de gestões sequenciadas, o Subúrbio de Salvador ainda é agredido sistematicamente pela cobertura (dita) jornalística de uma mídia sensacionalista e superficial que estimula estereótipos na veiculação imagética deste território.

### 2.3.1 A VISIBILIDADE COMO CAMPO DE DISPUTA

A primeira vez que vi a associação dos termos arte / beleza / (in)visibilidade / periferia foi ao conhecer a pesquisa *A arte invisível dos trabalhadores da beleza da periferia de Salvador*<sup>12</sup> através do pesquisador José Eduardo, deste modo, assumo aqui que tanto o curta documentário “A Beleza Invisível” e toda informação descrita neste memorial são desdobramentos inspirados nesta iniciativa que debruçou a atenção e o olhar sobre a elaboração artística no Subúrbio Ferroviário de Salvador e seus artistas.

---

<sup>12</sup> Pesquisa realizada pelo pesquisador José Eduardo Ferreira Santos e co-autoria do fotógrafo italiano Marco Illuminati, realizada com artistas de diversas modalidades entre 2010 e 2011, podendo ser acessados pelo site:

[http://www.arteinvisivel.com/Arte\\_invisivel/selezione\\_lingua.html](http://www.arteinvisivel.com/Arte_invisivel/selezione_lingua.html)

A necessidade em disputar visibilidade na configuração social e simbólica em que se situa o Subúrbio de Salvador reverbera no embate aos estereótipos que circundam a imagem deste lugar e no confronto direto ao temor que afeta os não-moradores que evitam de se aproximar desta localidade. Desde o primeiro momento em que ultrapassei as fronteiras da periferia rumo ao centro ou aos outros espaços desta cidade, presenciei incontáveis situações em que muitos reduziam o Subúrbio e seus moradores à marginalidade pautada pela mídia e reforçada pelo imaginário que se constrói em torno das periferias.

Neste contexto, vale destacar o contraponto dado por Gey Espinheira (1998) ao abordar a importância que o Subúrbio de Salvador agrega para o contexto histórico de toda a cidade, um registro sobre o passado que permite compreendermos e questionarmos algumas relações do presente:

O Subúrbio Ferroviário foi um espaço nobre de Salvador, no tempo em que a cidade ainda não tinha sofrido as grandes transformações que vieram dela fazer, província e metrópole, simultaneamente. (...) Era no tempo do ideal bucólico em que os grupos de alta renda se avizinhavam – e não mais que isso – de colônias de pescadores e de pequenas comunidades suburbanas e viviam o sossego da paisagem da Bahia de Todos os Santos e do distanciamento respeitoso e estratégico das comunidades próximas. (ESPINHEIRA, 1998, p.26)

Deste modo, promover as ações culturais do Subúrbio em uma conjuntura que negligencia a sua contribuição no desenvolvimento histórico da cidade consiste, especialmente para os moradores, em conformar o próprio espaço como território, compreendido aqui não apenas como “o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence.” (SANTOS, 2000, p.96) E é nesta reafirmação da identidade pelo território que os grupos e equipamentos culturais do Subúrbio vem se empenhando para a promoção da visibilidade positiva que também exerce resultados neste lugar.

Nos últimos anos, a atuação conjunta e incansável desempenhada por artistas, produtores, gestores, técnicos, pesquisadores, apoiadores e mobilizadores culturais reunidos por um senso comunitário e interessados em visibilizar as ações artísticas desta localidade, tem garantido também a presença do Subúrbio em publicações impressas e digitais, além de matérias televisionadas, nos cadernos e seções de cultura dentro e fora

de Salvador. A mais recente, publicada no dia 16 de novembro de 2014<sup>13</sup> pela Revista Muito (Jornal A Tarde) traz uma matéria sobre o Centro Cultural Plataforma e seus grupos artísticos residentes e parceiros. Esta mobilização em prol de uma repercussão e notoriedade que contemple a produção artística do território reforça o que Mariana Albinati (2008) defende:

Nos bairros populares das grandes cidades, mesmo em tempos de televisão e virtualização do cotidiano, a dimensão comunitária desempenha um papel fundamental e possibilita, entre outras coisas, o fortalecimento dos movimentos sócio-culturais. Esses movimentos vêm colocando em evidência as demandas e a produção cultural das periferias, trazendo à tona a importância das questões relativas à cultura para a compreensão da realidade nesses territórios. (ALBINATI, 2008, p.06)

Uma visibilidade mais expressiva das produções artísticas pode gerar retornos simbólicos e materiais para todos aqueles que apostam no potencial artístico do Subúrbio, tais como aumento de público das apresentações artísticas, maior interação entre os artistas locais e diálogo / intercâmbio com artistas de outras localidades e distâncias, maior envolvimento da comunidade local com a arte produzida no próprio território (o que estimula também o reconhecimento e valorização local), maior atenção e investimento por parte do setor público no campo cultural deste lugar, mais interesse dos produtores, grupos e companhias desenvolverem projetos direcionados ao Subúrbio, apoio a autoestima para a continuidade de projetos e desempenho artístico de quem mora e trabalha com arte neste território, dentre outras possibilidades que fortaleçam esta engrenagem cultural.

### 2.3 DEFINIÇÃO DE DOCUMENTÁRIO

Segundo Bill Nichols (2005) seria reducionista apontar o documentário apenas como uma reprodução da realidade ou um recorte do cotidiano e para indicar uma possível definição seria necessário contrastá-la com os filmes de ficção ou experimental e de vanguarda. Neste sentido, aconselha-se aproximar o conceito mais para a representação do que para a reprodução, já que “os documentários não adotam um conjunto fixo de técnicas, não tratam de apenas um conjunto de questões, não apresentam apenas um conjunto de formas ou estilos. Nem todos os documentários exibem um conjunto único de características comuns.” (NICHOLS, 2005, p. 48)

---

<sup>13</sup> Cópias da capa e matéria do exemplar da revista Muito nº 340 nos anexos 03 e 04.

Visto que enquadrar o documentário em um conceito formatado gera desconforto em função das múltiplas possibilidades e abordagens de se representar a percepção sobre o real, atentarei a sinalizar as especificidades que identificam (embora não determinem) o que chega a ser este fazer documental.

A priori, proponho o exercício de se compreender o documentário como um processo de registrar a realidade através de uma narrativa ou intenção. Sendo assim, a realização documental se assemelha talvez ao telejornalismo na forma de traduzir a realidade e retratar os acontecimentos do cotidiano, embora, “o que difere o documentário da notícia é justamente a consequência de sua produção: enquanto esta é efêmera, aquele poderá além de informar, dar uma nova perspectiva sobre o mesmo assunto.” (PERES, 2007, p. 2), além disso, o documentário pode ser visto também como um instrumento para contextualizar e aproximar as pessoas do lugar que habitam, já que o mesmo acaba interferindo na percepção que temos sobre o real.

O próprio ato de filmar já modifica a realidade: a forma bidimensional, a restrição dos cinco sentidos a apenas dois – visão e audição – a forma das lentes, a escolha dos planos e movimentos de câmera, bem como a edição e a escolha da trilha sonora já dão um tratamento que transforma a realidade (...) Por esta razão se deve levar em conta o cineasta e sua subjetividade: ao propor uma nova perspectiva sobre o tema, ele irá valer-se de seu repertório individual para construir seus argumentos e corroborar seu ponto de vista. Logo, um mesmo tema pode ser trabalhado de inúmeras formas. (PERES, 2007, p.3).

Além das possíveis formas de documentar, Peres (2007) aponta que a produção de documentários se desenvolveu de acordo com os avanços tecnológicos e o momento histórico no qual o filme está inserido. Neste contexto, Nichols (2005) apresenta seis modos ou tipos de documentário que caracterizam a linguagem e a distingue dos outros tipos de filme. No entanto, esses seis tipos não são excludentes, podendo aparecer mais de um no mesmo documentário de acordo com o estilo do cineasta:

O *modo poético* é muito próximo do cinema experimental, pessoal ou de vanguarda, por aqui não há uma preocupação rígida com montagem linear, argumento, localização no tempo e espaço ou apresentação aprofundada dos personagens.

O *modo expositivo* é um dos mais difundidos e o que o público mais reconhece como documentário devido ao uso constante de seus elementos em noticiários de TV, é um tipo que explora a lógica argumentativa e a verbalização sobre a imagem (voz ‘off’).



O *modo observativo* é a captura do acontecimento da forma mais crua possível reduzindo a intervenção do cineasta em seu processo, é o engajamento direto no cotidiano das pessoas que, por vezes, é potencializado pela câmera na mão.

O *modo participativo*, pelo contrário, “insere” o cineasta dentro do filme e da temática abordada. A filmagem acontece em entrevistas ou outras formas de envolvimento evidente da sua participação, podendo incluir até imagens de arquivo.

O *modo reflexivo* destaca as hipóteses e convenções que regem o cinema documentário, questionando as responsabilidades e consequências desta representação da realidade proposta pelo filme para os próprios cineastas e o público.

O *modo performático* enfatiza a subjetividade, a combinação do real com o imaginário de acordo com a complexidade emocional do cineasta. Esses filmes, geralmente, compartilham características do cinema experimental, autobiográfico e / ou de vanguarda com ênfase no impacto emocional e social sobre o público.

Dentre os modelos apresentados, o curta documentário “A Beleza Invisível” se aproxima mais do modo expositivo ao se apoiar em uma estrutura mais retórica e argumentativa de abordagem documental. Por não ter muitas experiências no ramo audiovisual e para que a proposta chegasse ao público sem estranhamentos, optei em não arriscar com tipos conceituais. Talvez o diferencial deste trabalho se concentre mesmo na produção e na ambientação do projeto, situado no Subúrbio de Salvador, onde um grupo – envolvendo realizadores e entrevistados residentes na periferia – se empoderou do recurso audiovisual para dar visibilidade ao seu território e a produção artística vinculada a este espaço marginalizado.

### 2.3.1 A NECESSIDADE DO DOCUMENTAR E OS DESAFIOS DO ENTREVISTAR

Quando me submeti ao desafio de documentar as artes plásticas e visuais no Subúrbio, senti a necessidade de conectar, de alguma forma, essa elaboração artística assinada silenciosamente no cotidiano desta periferia com o mundo e, em especial, com os outros moradores deste lugar. Muito mais do que visibilidade, o que quero propor com este projeto é identificação: identificar que é possível cultivar beleza num terreno em que se espera a fertilidade das mazelas sociais, identificar-se com os artistas entrevistados através das suas impressões de mundo e identificar o Subúrbio através dos olhos de quem nasceu e cresceu tecendo memórias e afetividades neste território.

Para contemplar tantos anseios, creio que não haveria outra linguagem mais completa do que o documentário, pois é este que me permite tratar das pessoas e das suas histórias através da costura dos seus depoimentos. Além disso, penso no imensurável raio de visibilidade que este projeto pode alcançar (principalmente com a agilidade na circulação de informações nas redes sociais) e da forma que posso retribuir materialmente aos artistas que abriram suas portas para receber a minha equipe com toda a simplicidade e gentileza característica de “quem já é de casa”.

Por não ter habilidade com direção e roteiro audiovisual precisei me resguardar ao menos nas entrevistas com os artistas, principalmente por já ter partilhado experiência semelhante durante os mapeamentos culturais realizados no *Observatório da Cultura Popular* – projeto vinculado à instância acadêmica *Agência Experimental em Comunicação e Cultura - Facom /UFBA*. Além disso, encontrei grandes contribuições nas leituras de Thompson (1992) e Frochtengarten (2009) que amenizaram os desafios que circundam as entrevistas.

Ao entrevistar Eduardo Coutinho, um dos maiores documentaristas brasileiros, Fernando Frochtengarten traz sua contribuição ao listar respostas firmes e objetivas que despertam a responsabilidade e segurança em entusiastas que, como eu, anseiam em responder várias questões do mundo em poucos minutos de resultado:

Mas em geral, eu acho que o documentário não muda a vida das pessoas. E eu tento que não mude para pior. Das pessoas que aparecem no *Master* (Edifício Master, 2002), eu não soube de nenhuma que foi humilhada ou demitida. A minha honestidade com essas pessoas é fazer uma exibição particular para eles ou dar o DVD e ter a sua aprovação. Eu não quero a aprovação da classe, nem sei o que quer dizer classe. (FROCHTENGARTEN, 2009, p. 131)

No entanto, é o manual de entrevista dado por Paul Thompson que melhor descreve as instruções para um resultado satisfatório, sendo muitas destas aproveitadas na realização deste trabalho. Antes do processo de filmagem, visitei os artistas para apresentar o projeto e preencher junto com eles um formulário-base de pré-produção, documento este que serviu de base para a estruturação do roteiro. O procedimento adotado neste primeiro encontro tenta seguir o que Thompson recomenda em “comece explicando o tema de seu projeto ou de seu livro e a maneira como o informante pode auxiliá-lo. Muitos dirão que não terão nada útil para lhe contar e precisarão que se reafirme que a experiência que possuem é preciosa” (THOMPSON, 1992, p. 267).

Além disto, a preparação e reserva de materiais (gravador e câmera fotográfica) para este primeiro encontro também cumpriram as orientações:

O começo desse primeiro encontro é em geral o melhor momento para perguntar se a entrevista pode ser gravada, embora às vezes isso possa ser mencionado no contato inicial. Alguns historiadores orais julgam que o primeiro encontro deve ser utilizado como uma visita exploratória, curta, para preparar e conhecer um informante, sem usar o gravador. O inconveniente disso é que, mesmo ao se procurar obter os fatos básicos a respeito dos antecedentes do informante, é difícil não penetrar na essência da memória. (THOMPSON, 1992, p. 268)

Por se tratar de artistas falando sobre as suas obras, desde a concepção do projeto os ateliês já eram apontados como os espaços ideais para a realização das entrevistas, quanto a esta opção Thompson reforça que “uma entrevista no local de trabalho irá ativar mais fortemente outras áreas da memória, e também pode ter como resultado uma mudança para um modo de falar menos ‘respeitável’”. (p. 265) Outra orientação dada foi de circular com o entrevistado pela vizinhança para coletar mais informações úteis ao projeto: “um passeio pelo bairro pode também mostrar-se compensador e estimular outras recordações” (p. 265), no entanto, mesmo incluindo esta sugestão no roteiro e filmagem, houve interferências na captação do áudio que levou a reduzir a quantidade de depoimentos gravados em externas após a edição.

Mas, dentre todas as recomendações dadas, talvez o “seja franco quanto a suas intenções e honre todas as promessas que fizer” (p.268) tenha sido a mais seguida, pois por serem pessoas próximas do meu convívio e que partilham da mesma realidade sociocultural que eu, creio ter feito todo o possível para honrar os seus trabalhos e respeitá-los enquanto artistas durante este projeto.

### 3. DOCUMENTANDO A BELEZA

#### 3.1 PRÉ-PRODUÇÃO

A documentação deste trabalho teve início com a retomada do anteprojeto preparado em 2012 na disciplina *COM 116 – Elaboração de Projeto em Comunicação*. Ao revirar os escritos daquele semestre, tive novamente em mãos a ideia de criar uma websérie documental com uma média total de 15 artistas plásticos do Subúrbio de Salvador, no qual, cada artista teria espaço em um episódio. Esta proposta ao ser apresentada aos amigos recém-graduados pela Facom (que passaram recentemente por experiência similar) foi apontada como megalômana e incompatível com as especificidades e prazos de realização para este momento de conclusão de curso. Neste caso, ao acatar a sugestão de ajustes, formatei o projeto para um curta documentário (concluído em 32 minutos) e com apenas 1/3 de entrevistados da proposta anterior.

Mesmo tendo passado por outras experiências que me aproximaram de alguns artistas plásticos do Subúrbio, foi preciso que eu recorresse a José Eduardo para buscar contatos e dar início às filmagens do projeto. Inicialmente, após algumas ligações e encontros, haviam confirmados: Ray Bahia (Periperi), Índio (Escada), Solis (São João do Cabrito), Perinho e Joel Souza (Plataforma). Porém, nestes últimos meses, Joel estaria indisponível na maioria das datas devido à repercussão do seu trabalho (havia viagens programadas e entrevistas na TV – inclusive no Programa do Jô / Rede Globo) o que inviabilizaria tanto as filmagens quanto a proposta de situá-lo nesta margem de invisibilidade ao qual o projeto se dispôs a abordar e este se configurava como exceção.

Como havia espaço para mais um artista no projeto, optei em recorrer desta vez a uma mulher (já que a quantidade de nomes masculinos era predominante). Nesta busca encontrei Ivana Magalhães (Itacaranha) que foi acolhida, dentre outras razões, para representar as mulheres artistas do Subúrbio ofuscadas por outras camadas de invisibilidade, àquelas que se ancoram nas especificidades de gênero.

Para que as gravações fossem possíveis, apresentei a proposta a amigos (também moradores do Subúrbio) no interesse de convidá-los para colaborar com o projeto. Por conhecer o envolvimento destes com a linguagem audiovisual e sabendo que eles tinham os equipamentos necessários, estabeleci contato separadamente e, já que todos se conheciam, percebi que ficaria mais cômodo a comunicação interna e a interação nos processos de filmagem.

Graças a fácil identificação com o projeto e adesão à iniciativa de construir um documentário sobre a produção artística suburbana, consegui reunir para a equipe: Álvaro Réu (rapper independente e videomaker), Camila Souza (fotógrafa), Fabrício Cumming (produtor local), Ualex Bispo e Ian Vitor (representantes do Platacity, canal independente de comunicação periférica que atua no bairro de Plataforma). Além destes, convidei também o único remunerado do projeto, o editor Rogério Vilaronga.

Concluída a escolha dos artistas e da equipe, fui diretamente à casa dos entrevistados (entre os dias 11 e 12 de outubro) para um encontro pré-filmagem, no qual, conversamos com mais detalhes sobre o que viria ser este curta documentário e de que modo poderíamos desenvolver este trabalho. Após a conversa, analisamos juntos o ambiente para situar as possíveis locações, sendo este processo também registrado.

Neste primeiro encontro todos os artistas responderam a um questionário-base de pré-produção do documentário para que pudesse servir de base para o roteiro. Tendo em vista que já havia agendado a data das filmagens, tinha garantido equipe e os equipamentos a serem utilizados, concentrei as informações e as intenções do projeto e elaborei o roteiro para conduzir as filmagens. Neste intervalo, descobri que havia sido contemplado no Edital Curtas Universitários do Canal Futura, no qual submeti projeto no primeiro semestre e fui premiado em R\$6.000,00 para realização do meu documentário neste processo de conclusão de curso.

### 3.2 FILMAGENS

As filmagens se deram nos dias 18, 19 e 25 de outubro nas casas e ateliês dos artistas entrevistados (cada turno na casa de um artista). Para locomoção da equipe e segurança dos equipamentos, aluguei um carro que foi dirigido pelo meu pai, Edson Alves. Como não tinha como pagar a equipe, garanti durante todos os dias de trabalho o almoço, lanche e transporte dos mesmos, para que ao menos houvesse conforto e tranquilidade no decorrer das gravações.

A divisão de filmagem ficou da seguinte forma: 18/10 – Ray Bahia, 19/10 – Perinho (Manhã) e Solis (Tarde) e no dia 25/10 – Ivana (Manhã) e Índio (Tarde). Devido a alguns problemas técnicos como excesso de interferências na captação áudio e iluminação precária, as filmagens de Índio e Solis precisaram ser regravadas no dia 14 de novembro, o que também não foi resolvido por completo, pois no dia o gravador quebrou e comprometeu novamente a captação de áudio da entrevista.

### 3.3 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

**Raimundo Nunes (Ray Bahia, 60):** Morador de Periperi há mais de 40 anos, Ray não lembra ao certo quando começou a moldar a beleza com as mãos, mas desconfia de que a habilidade nasceu junto com ele. Em pouco mais de meio século, extrai da rigidez do metal a sensibilidade artística que busca referências na sua ancestralidade e no próprio cotidiano. Acredita que, mesmo com os problemas corriqueiros, o bairro de Periperi passa uma sensação de tranquilidade pela convivência com os outros moradores (que se conhecem de longa data e sabem “quem é quem”), além disto, garante com entusiasmo que é do próprio bairro que conquista o respeito e reconhecimento acolhedor pelo seu trabalho, o que motiva sempre novas produções.

**Nilton Ariston (Índio, 57):** Por um acaso do destino, Índio ancorou a vida no bairro de Escada há tanto tempo que mal se lembra, recorda apenas que nasceu em Plataforma e anos depois foi parar no bairro vizinho, onde casou e teve o seu primeiro e único filho. Ex-morador de rua, o homem sério e de semblante pouco amigável, revolta-se quando fala sobre a insegurança do bairro e com o descaso dos políticos (inclusive dos que utilizam o subúrbio para se promover). E é exatamente nesses seus momentos de indignação que a arte lhe escapa dos dedos e talhe a madeira, convertendo a matéria oca em beleza, numa terapia constante que acompanha metade dos seus anos de vida. Para ele, a arte é um refúgio das desgraças cotidianas e é graças a ela que continua vivo neste mundo de absurdos e desigualdades.

**Péricles Bonfim (Perinho Santana, 52):** Nascido e criado em Plataforma, Perinho vive tatuando as paredes e os muros do bairro com a sua pintura e poesia. Casado e pai de dois filhos, há 16 anos decidiu abandonar o comércio e o cargo de analista de sistemas para (sobre)viver da beleza. Taxado de louco pelos vizinhos, amigos e parentes, responde a todo e qualquer tipo de ofensa com a sua arte, que marca não só a paisagem, mas também a memória da rotina suburbana.

**Gutemberg Gonçalves (Solis, 19):** Morador do São João do Cabrito há oito anos, Solis acredita no potencial artístico do subúrbio e como a arte pode mudar um cenário social desprivilegiado e abandonado à própria sorte. Com pinturas e grafites, ele costuma explorar um universo de cores e imagens que refletem o cotidiano da comunidade, sendo referência e exemplo para os outros jovens do bairro.

**Ivana Pereira (Ivana Magalhães, 40):** Filha de pais separados, Ivana cresceu transitando pela realidade das duas cidades de Salvador (parte do tempo na Cidade Alta com o pai e a outra parte na Cidade Baixa com a mãe). No meio desta gangorra percebeu o interesse pela arte ainda na infância e foi trilhando por uma identidade artística própria que envolve cores e potes de cerâmica. Das cores, soube distinguir bem o tom do preconceito. Dos potes, conseguiu desenvolver o “potinhoterapia” que alia o fazer artístico com o saber acadêmico da pedagogia, sua outra profissão.

### 3.4 EDIÇÃO E LANÇAMENTO DO TEASER

O processo de edição ficou a cargo e liberdade de Rogério e Letícia Vilaronga (que atuaram juntos na pós-produção do documentário), fiz apenas algumas recomendações acerca do roteiro e tentei manter o possível da proposta inicial que foram avaliadas e negociadas com a experiência e impressões dos dois. Durante a edição, iniciada em 1º de novembro, tivemos algumas reuniões para avaliar o processo aos poucos e selecionar o que permaneceria das quase 4 horas de conteúdo gravado.

No dia 09 de novembro fizemos o lançamento do *teaser*<sup>14</sup> do curta documentário no canal de vídeos *youtube* para avaliar a recepção do público diante de algumas imagens filmadas. Em dez dias tivemos 279 visualizações e uma repercussão calorosa pelo *facebook* tanto de amigos quanto de desconhecidos, o que sugere que o processo está num caminho favorável.

### 3.5 PRÓXIMOS PASSOS

Após a veiculação no Canal Futura, programado para o primeiro semestre de 2015, pretendo distribuir este documentário em DVDs para escolas públicas, espaços culturais e bibliotecas, além de dividir algumas cópias entre a equipe e os entrevistados. Nas possíveis exposições públicas, pretendo reunir alguns integrantes da equipe para um bate-papo com o público pós-exibição a fim de pontuar os processos de realização do documentário. Além disto, em 2015, tenho grande interesse em retomar a proposta da websérie (com média de 07 episódios por temporada) e utilizar este trabalho como um projeto-piloto para submissão em editais públicos e privados, mantendo a equipe reunida neste processo e visando, desta vez, remunerar a todos de forma mais justa e profissional.

---

<sup>14</sup> O *teaser* pode ser acessado também através do link:  
<http://www.youtube.com/watch?v=QAHY-IAb1wE&feature=share>

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não sei dizer ao certo quando este trabalho realmente começou. Se foi em 2011 quando me aproximei do pesquisador José Eduardo e seus projetos e pesquisas, se foi em 2012 durante a elaboração do anteprojeto na disciplina *COM 116 – Elaboração de Projeto em Comunicação* ou se foi neste semestre quando apresentei a proposta a um grupo de amigos e passei a visitar artistas a fim de convidá-los para esta parceria, o importante é que cada um desses começos deixou vestígios que permaneceram até o término deste processo.

Em respeito a todo o percurso percorrido até aqui, em resposta às experiências vividas e em agradecimento a toda sorte de pessoas que contribuíram com a minha formação nestes quatro anos de curso, tenho certeza que não haveria projeto que contemplasse à altura essa minha conclusão de curso em Produção Cultural senão este curta documentário “A Beleza Invisível”.

Documentar a beleza nos moldes em que me foi dado pôs em cheque toda a minha experiência no campo da produção cultural. No geral, foi um exercício engenhoso, delicado e que me exigiu a todo o momento por ser feito “em casa”, acompanhado de perto por parentes e amigos que me deram todo o apoio e construíram comigo esta conquista com tamanha dedicação.

Creio que finalizar este trabalho não consiste em encerrar também este projeto, pelo contrário, creio que há muitos outros artistas a se descobrir, há muitos outros depoimentos a se registrar, há muitas outras portas abertas à nossa espera e tendo tudo isto a nosso alcance, não haverá limites ou pausas, mas sim novas possibilidades.

*“Às vezes eu sinto que há tanta beleza no mundo  
e eu não posso resistir”  
Beleza Americana - 1999*

*“A Beleza salvará o mundo”  
Dostoiévski*



## 5. REFERÊNCIAS

### 5.1 BIBLIOGRÁFICAS E ONLINE

ALBINATI, Mariana Luscher. **Cultura e Território**: equipamentos culturais em bairros populares de Salvador. Anais do IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado de 28 a 30 de maio de 2008. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14573.pdf>>. Acesso em 12 de novembro de 2014.

ANDRADE, Mário de. O artista e o artesão. In: **O baile das quatro artes**. São Paulo, Martins Editora, 1975. p. 10 - 36

AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. **Apostila de arte – Artes Visuais**. São Luís, Imagética Comunicação e Design, 2007. p. 3 – 10

BODEI, Remo. **As formas da beleza**. Bauru, EDUSC, 2005.

CHAVES, Barbara Sant’anna. **Arte e função social**: Uma reflexão do papel da arte e do artista na contemporaneidade diante das problemáticas sociais levantadas na montagem “Os gatos morrem no asfalto” de André Amaro. Monografia (Bacharelado em Artes Cênicas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.bdm.unb.br/handle/10483/3673>>. Acesso em 05 de novembro de 2014.

ECO, Umberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro, Ed.: Record, 2004.

ESPINHEIRA, Gey. Salvador: **A cidade das desigualdades**. In: Cadernos do Ceas, nº 184, nov. / dez. Salvador: Centro de Estudos de Ação Social, 1999.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro, Zahar, 1983. p. 59 – 62

FROCHTENGARTEN, Fernando. **A entrevista como método**: uma conversa com Eduardo Coutinho. Psicologia USP, São Paulo, janeiro/março, 2009, 20(1), p. 125-138.

GREFFE, Xavier. **Arte e mercado**. São Paulo, Iluminuras: Itaú Cultural, 2013.

LEAL, Priscilla Cruz. **Mulheres artistas**: Há desigualdade de gênero no mercado das artes plásticas no século XXI? Salvador, 2012, s.p. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/wp-content/uploads/Mulheres-Artistas-revisado-2.pdf>> Acesso em 07 de novembro de 2014.

LIMA GUIMARÃES, Marcelo. A psicologia da arte e os fundamentos da teoria histórico-cultural do desenvolvimento humano. **Interações** [Online] 2000, V (jan - jun). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35450906>> Acesso em 05 de novembro de 2014.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**, tradução Valério Rohden e Antônio Marques. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008, p. 47 – 89.

MACÊDO, Kátia Barbosa (Org.). **O trabalho de quem faz arte e diverte os outros**. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás. 2010. p. 231 - 251.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio**. Vida cotidiana e história no Subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo, Editora Hucitec, 1992, p. 7 – 23.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, Papyrus, 2005. p. 47 - 71

NUNES, Hélio Alvarenga. **Visibilidade na periferia**, Papel das Artes, nº8, Rio de Janeiro, set. 2008, p. 8-9.

PERES, Silvia Seles. **O formato e a linguagem dos documentários produzidos sobre a cidade de São Paulo**. Anais do III Intercom Júnior – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, realizado de 29 de agosto a 02 de setembro de 2007. Santos, São Paulo. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0626-1.pdf>>. Acesso em 12 de novembro de 2014.

RODRIGUES, Wallace. Arte ou artesanato? Artes sem preconceitos em um mundo globalizado. In: **Cultura Visual**, nº18. Salvador, EDUFBA, dezembro, 2012. p. 85 – 95.

TABOSA, Adriana. A perda do conceito original de arte. **O olho da História**, Ed. nº 8, 2005, p. 1 - 7. Disponível em: <<http://www.oohodahistoria.ufba.br/artigos/perda-conceito-arte-adriana-tabosa.pdf>> Acesso em 05 de novembro de 2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro, Ed.: Paz e Terra, 1992, p. 254 – 278.

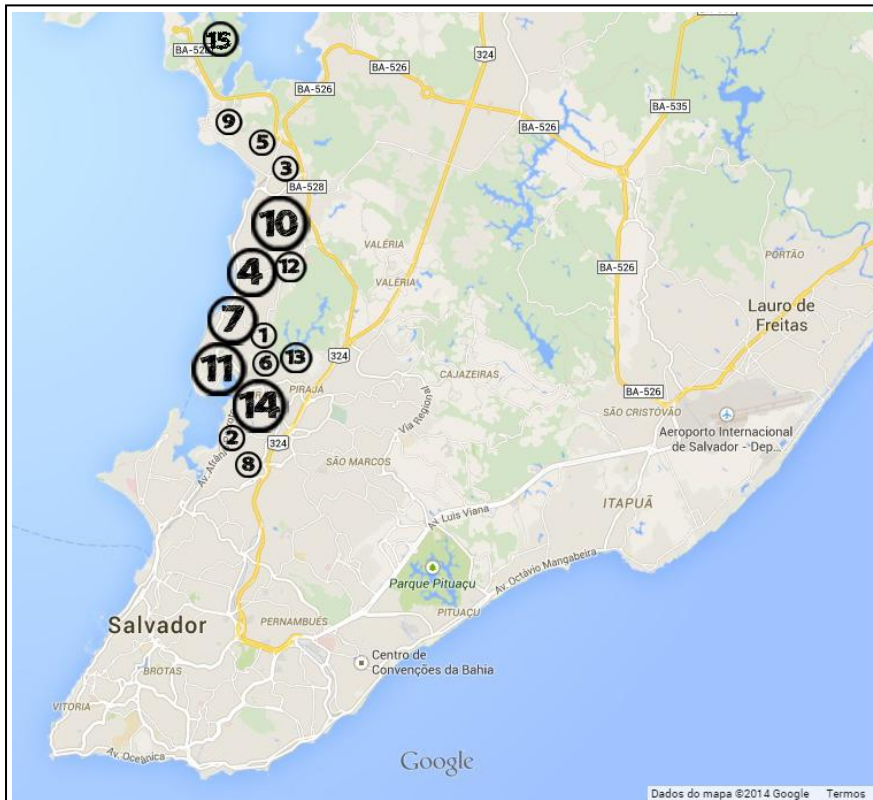
SANGODEYI-DABROWSKI, Delphine. “Pensando a periferia e a segregação”. In: **Panoramas Urbanos: Reflexões sobre a cidade**\ Milton Esteves Junior, Urpi Montoya Uriarte (organizadores). - Salvador, EDUFBA, 2003, p. 165 – 184.

SANTOS, José Eduardo Ferreira. **Artistas invisíveis da periferia de Salvador**. 2012. Disponível em: <[http://www.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/Artistas\\_invisiveis\\_da\\_periferia\\_palestra\\_ufba1.pdf](http://www.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/Artistas_invisiveis_da_periferia_palestra_ufba1.pdf)> Acesso em 08 de novembro de 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização** – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

## 6. ANEXOS

**Anexo 1** – Mapa do Subúrbio e lista dos bairros catalogados e registrados pelo site dos Correios (<http://www.buscacep.correios.com.br>). Os bairros em destaque são onde os artistas entrevistados residem:



1. Alto da Terezinha
2. Alto do Cabrito
3. Coutos
4. Escada \*
5. Fazenda Coutos
6. Ilha Amarela
7. Itacaranha \*
8. Lobato
9. Paripe
10. Periperi \*
11. Plataforma \*
12. Praia Grande
13. Rio Sena
14. São João do Cabrito \*
15. São Tomé de Paripe

Imagem: GoogleMaps/2014

**Anexo 2** – Modelo de formulário aplicado aos artistas entrevistados pelo projeto:

Formulário-base de pré-produção das filmagens da  
“A Beleza Invisível”

*\* Este formulário precede ao processo de filmagens e será aplicado somente aos artistas plásticos convidados pelo projeto, as perguntas aqui elencadas serão utilizadas como base para o roteiro do documentário.*

Nome completo: \_\_\_\_\_

Nome artístico: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_ Data de nascimento: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_, SSA / BA. Há quantos anos mora neste bairro: \_\_\_\_\_

Mora com quantas pessoas? \_\_\_\_\_ Tem filhos? ( ) SIM ( ) NÃO Quantos? \_\_\_\_\_

Como avalia o seu bairro: \_\_\_\_\_

De que forma você acha que os outros moradores avaliam o seu bairro: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

De que forma você acha que o seu bairro é retratado na mídia? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

O seu bairro é valorizado pela atual gestão pública? Se sim, como sente que é valorizado? Se não, porque acredita que não é valorizado? \_\_\_\_\_

Já sofreu algum tipo de discriminação por morar neste bairro? ( ) SIM ( ) NÃO

Há quanto tempo trabalha com artes plásticas? \_\_\_\_\_ Trabalha sozinho? \_\_\_\_\_

Qual o material que você mais utiliza em seu trabalho? \_\_\_\_\_

Exerce outra função além de artista plástico? Qual? \_\_\_\_\_

Como avalia o seu trabalho com artes plásticas? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Você se sente reconhecido e valorizado no campo das artes plásticas? E as suas obras?

\_\_\_\_\_

Você acredita que o fato de você morar na periferia interfere no seu trabalho? S / N

\_\_\_\_\_

Data de aplicação do questionário: \_\_\_\_\_

Anexo 3 – Matéria da Revista Muito nº 340 publicada no dia 16 de novembro de 2014 (CAPA):



Nega  
**FÊNIX**

Diva absoluta, Elza Soares renasce na mídia com o lançamento do documentário *My name is now*

Anexo 4 – Matéria da Revista Muito nº 340 publicada no dia 16 de novembro de 2014.  
(Matéria pág. 28)

28 SALVADOR DOMINGO 16/11/2014 **MUITO**

# Teatro de **TODOS**

Reaberto em 2007, após quase 20 anos de abandono, e por pressão da comunidade, o Centro Cultural Plataforma põe a arte nos trilhos do subúrbio, forma plateias e artistas e movimentou a cena na periferia

Texto **TATIANA MENDONÇA** [tatianam@gmail.com](mailto:tatianam@gmail.com)  
Fotos **FERNANDO VIVAS** [vivasf@gmail.com](mailto:vivasf@gmail.com)

**T**udo que está passando pelo teatro do Centro Cultural Plataforma (CCP) Lúcia Tinoco, 62, vai ver. Pode ser um filme, uma peça, um espetáculo de dança. Outro dia, no meio de uma apresentação, já estava até pensando em ir embora, não sentiu muita empatia, mas desistiu depois de reparar um certo clima de arruaça. “O teatro estava cheio e vi uns meninos colocando os pés nas cadeiras. Fiquei para reclamar, para que ninguém quebrasse nada”. Fala como se estivesse zelando pela sua sala, pelo seu quintal. E de fato está. Chama o lugar de casa.

Também é assim que outros moradores do subúrbio ferroviário referem-se ao CCP, reaberto há sete anos. Sentem-se tão à vontade porque, além de ocuparem ora o palco, ora as cadeiras do teatro, atuam ainda como gestores, compartilhando decisões com o poder público, mais especifica-

mente com a Secretaria Estadual de Cultura. Uma vez por mês, o Fórum de Arte e Cultura do Subúrbio se reúne para definir a programação cultural e opinar em questões administrativas, como a escolha do coordenador do espaço. Em novembro, optaram por celebrar o mês da consciência negra, ali batizado como Plataforma de Preto. Haverá a exibição de um documentário sobre as manifestações culturais do subúrbio e a gravação do filme *Cinzas*, com produção e artistas locais.

A professora de teatro Ana Vaneska, que dirigiu o CCP desde a reabertura e deixou o cargo no dia 17 de outubro, diz que o local funciona como uma “incubadora de projetos” e que a ideia é unir a produção amadora à profissional. Dez grupos residentes ocupam as salas do centro com ensaios e oficinas regulares. Entre eles, o mais antigo é o Herdeiros de Angola, que oferece aulas de dança e alongamento.

Já para ocupar o palco do teatro, é preciso insistir um pouco. A agenda da casa anda apertada. É uma escola que liga para marcar um debate com os alunos, um curso de balé que quer fazer ali a festa de fim de ano, um grupo de amigos que propõe uma peça com renda beneficente. No final de outubro, os humoristas Psit Mota e Pé de Pranta estiveram lá para fazer uma apresentação em prol de um jovem da comunidade, diagnosticado com câncer.

Esses eventos todos concorrem com outras produções que vão parar lá, como a Bienal da Bahia, o Vivadança Festival Internacional, o Conversas Plugadas (com participação da coreógrafa Deborah Colker) e o Festival Internacional de Artes Cênicas, além de apresentações do Balé do Teatro Castro Alves e da Orquestra Sinfônica da Bahia. “A cidade está olhando mais para cá e está reparando que o subúrbio não tem nada de sub”, diz Lúcia, orgulhosa.



**Anexo 5** – Matéria da Revista Muito nº 340 publicada no dia 16 de novembro de 2014.  
(Matéria pág. 29)



E se no começo era difícil fazer com que a comunidade fosse assistir aos espetáculos em cartaz no CCP – para formar plateia foi preciso fazer visitas às escolas e insistir com os adultos –, hoje há eventos em que o problema se inverte. Em março, quando estreou o longa *A Mulher e o Chinelo*, com produção 100% local, foi preciso até chamar a polícia para acalmar os ânimos de quem se espremia na entrada do teatro para ocupar um dos 200 lugares. A única sessão prevista acabou tendo que se desdobrar em dez. O público vibrava quando reconhecia os conhecidos na tela grande.

#### **CALDEIRÃO CULTURAL**

Os eventos realizados no CCP são gratuitos ou têm ingressos a preços populares, já que o maior objetivo é facilitar o acesso. Tudo que é produzido e pensado por lá desemboca no Festival de Arte

Caldeirão Cultural, que acontece anualmente desde que o centro foi reaberto – o deste ano foi realizado em junho, com vasta programação, que incluiu oficinas gratuitas de balé clássico e grafite, shows da Orkestra Rumpilezz, debates e mostra de hip hop.

Outro festival sediado no CCP, o Diversas Suburbanidades, aconteceu em setembro e debateu temas relacionados à diversidade sexual. Foi encerrado com a glamorosa escolha da Miss Subúrbio Gay 2014 – a vencedora foi Yana Stefens, de Periperi.

Este ano, a Secretaria de Cultura investiu

**Crianças do Malê de Balé no ensaio para a Mostra de Arte e Cultura Negra**



Anexo 6 – Matéria da Revista Muito nº 340 publicada no dia 16 de novembro de 2014.  
(Matéria pág. 30)



**FIM DE SEMANA**  
**RED RIVER**  
C A F E

QUINTA  
**QUÉSIA LUZ**  
20.11 22H

SEXTA  
**MIL MILHAS**  
21.11 23H

SÁBADO  
**ROBERVAL SANTOS**  
22.11 13H

ALEXEY  
**MARTINEZ**  
22.11 23H

DOMINGO  
**CINHO DAMATTA**  
23.11 13H

INFORMAÇÕES E RESERVAS  
3023-4655 / 9610-6700

[/REDRIVERCAFE](#)  
[/REDRIVERCAFESALVADOR](#)  
[WWW.REDRIVERCAFE.SA.COM.BR](http://WWW.REDRIVERCAFE.SA.COM.BR)

LARGO DA MARIQUITA  
Nº 3 - RIO VERMELHO

**CENTRO CULTURAL PLATAFORMA**  
Praça São Braz –  
Plataforma. Tel.:  
71 3117-8107  
[facebook.com/centroculturalplataforma](https://facebook.com/centroculturalplataforma)

Ana Vaneska e Márcio Bacelar (novo diretor do CCP): educação pela arte

R\$ 652 mil no centro para custeio, manutenção, pessoal, materiais e programação. Os funcionários terceirizados, todos moradores do subúrbio, não receberam os salários de setembro e outubro. Em nota, a Secult afirmou que os pagamentos serão feitos este mês.

### O CÍRCULO

O poeta Perinho Santana, 52, que pinta muros com seus dizeres pelas ruas de Plataforma, tinha a impressão de que para os outros moradores de Salvador era como se o bairro não existisse. Para que conhecessem melhor o lugar onde nasceu, escreveu: “Na minha terra tem palmeira / Onde o trem passa por lá / De frente para a Ribeira / Havendo divisa com o mar”. Hoje, acredita que o bairro está mais conhecido, graças em boa medida à reativação do CCP. Quando menino, ele estudou numa daquelas salas que hoje abrigam as oficinas culturais.

O centro foi construído entre as décadas de 1930 e 1940 pelo Círculo Operário da Bahia, grupo ligado à igreja católica. Em 1945, o local foi inaugurado e, mais de dez anos depois, transformou-se em cineteatro. Perinho lembra-se de ter assistido ali ao filme espanhol *Marcelino Pão e Vinho*, quando ainda era “de menor”. No final da década de 1980, quando já pertencia ao governo do estado, o prédio foi fechado e assim permaneceu por quase 20 anos.

Foi preciso muita pressão por parte dos moradores, que fizeram abaixo-assinados e saíram em caminhadas, para que o centro fosse reformado e reaberto, em junho de 2007. O jornalista e ator Márcio Bacelar foi um deles. Há um mês, ele assumiu a direção do CCP. Tem a missão de manter as portas da casa sempre abertas e os cômodos pulsanter. «

**Anexo 7** – Formulário aplicado a Nilton Ariston (Índio), artista entrevistado pelo projeto. Preenchimento de formulário feito por Leandro Souza durante a entrevista.

Índio

Formulário-base de pré-produção das filmagens da  
"Websérie: A Beleza Invisível"

\* Este formulário precede ao processo de filmagens e será aplicado somente aos artistas plásticos convidados pelo projeto, as perguntas aqui elencadas serão utilizadas como base para o roteiro do documentário.

Nome completo: Nilton Ariston Jôbo

Nome artístico: Índio Idade: 47 Data de nascimento: 19/05/55

Endereço: Rua da Estação n.º 578

Bairro: Escada, SSA / BA. Há quantos anos mora neste bairro: 57

Mora com quantas pessoas? 04 Tem filhos?  SIM ( ) NÃO Quantos? 1

Como avalia o seu bairro: Mal, não gosta do bairro. 2.º grau completo.

De que forma você acha que os outros moradores avaliam o seu bairro: Os outros gostam.

De que forma você acha que o seu bairro é retratado na mídia? Eles falam bem pra se promover.

O seu bairro é valorizado pela atual gestão pública? Se sim, como sente que é valorizado? Se não, porque acredita que não é valorizado? Há um desleixo político. Há uma relação de abandono.

Já sofreu algum tipo de discriminação por morar neste bairro?  SIM ( ) NÃO

Há quanto tempo trabalha com artes plásticas? 26 Trabalha sozinho? Sim

Qual o material que você mais utiliza em seu trabalho? Madeira

Exerce outra função além de artista plástico? Qual? Hoje só artes plásticas

Como avalia o seu trabalho com artes plásticas? Gosta muito do trabalho / Precisa de ajuda. Adm. Cont.

Você se sente reconhecido e valorizado no campo das artes plásticas? E as suas obras? O trabalho sim, o artista não.

Você acredita que o fato de você morar na periferia interfere no seu trabalho? S / N Interfere por o ~~artista~~

Data de aplicação do questionário: 11/10/2014

**Anexo 8** – Formulário aplicado a Péricles Bonfim (Perinho Santana), artista entrevistado pelo projeto. Preenchimento de formulário feito por Leandro Souza durante a entrevista.

Formulário-base de pré-produção das filmagens da Perinho  
"Websérie: A Beleza Invisível"

\* Este formulário precede ao processo de filmagens e será aplicado somente aos artistas plásticos convidados pelo projeto, as perguntas aqui elencadas serão utilizadas como base para o roteiro do documentário.

Nome completo: Péricles Bonfim de Santana

Nome artístico: Perinho Santana Idade: 52 Data de nascimento: 24/12/1961

Endereço: Rua dos Ferroviários, 49

Bairro: S. João Cabuto, SSA / BA. Há quantos anos mora neste bairro: 52

Mora com quantas pessoas? 03 Tem filhos? (  ) SIM ( ) NÃO Quantos? 02 *Ex. 2º grau comp*

Como avalia o seu bairro: fazno bom de se morar

De que forma você acha que os outros moradores avaliam o seu bairro: \_\_\_\_\_  
bom

De que forma você acha que o seu bairro é retratado na mídia? \_\_\_\_\_  
Deixa muito a desejar

O seu bairro é valorizado pela atual gestão pública? Se (  ) sim, como sente que é valorizado? Se não, porque acredita que não é valorizado? \_\_\_\_\_  
Tá sendo

Já sofreu algum tipo de discriminação por morar neste bairro? ( ) SIM (  ) NÃO *(e Malva)*

Há quanto tempo trabalha com artes plásticas? 16 Trabalha sozinho? Sim

Qual o material que você mais utiliza em seu trabalho? Tintas e telas

Exerce outra função além de artista plástico? Qual? Comerciante / Analista de sistemas.

Como avalia o seu trabalho com artes plásticas? As pessoas dão valor

Você se sente reconhecido e valorizado no campo das artes plásticas? E as suas obras?  
Muito ainda não. Ainda tá no reconhecimento

Você acredita que o fato de você morar na periferia interfere no seu trabalho? S / N  
Um pouco. Às vezes as pessoas associam seu trabalho à  
lousura

Data de aplicação do questionário: \_\_\_\_\_



Anexo 9 – Formulário aplicado a Gutemberg Gonçalves (Solis), artista entrevistado pelo projeto. Preenchimento de formulário feito por Leandro Souza durante a entrevista.

Solis

Formulário-base de pré-produção das filmagens da  
"Websérie: A Beleza Invisível"

\* Este formulário precede ao processo de filmagens e será aplicado somente aos artistas plásticos convidados pelo projeto, as perguntas aqui elencadas serão utilizadas como base para o roteiro do documentário.

Nome completo: Gutemberg Gonçalves da Silva

Nome artístico: Solis Idade: 19 Data de nascimento: 28/11/1994

Endereço: Av. ~~1~~ ~~2~~ ~~3~~ ~~4~~ ~~5~~ ~~6~~ ~~7~~ ~~8~~ ~~9~~ ~~10~~ ~~11~~ ~~12~~ ~~13~~ ~~14~~ ~~15~~ ~~16~~ ~~17~~ ~~18~~ ~~19~~ ~~20~~ ~~21~~ ~~22~~ ~~23~~ ~~24~~ ~~25~~ ~~26~~ ~~27~~ ~~28~~ ~~29~~ ~~30~~ ~~31~~ ~~32~~ ~~33~~ ~~34~~ ~~35~~ ~~36~~ ~~37~~ ~~38~~ ~~39~~ ~~40~~ ~~41~~ ~~42~~ ~~43~~ ~~44~~ ~~45~~ ~~46~~ ~~47~~ ~~48~~ ~~49~~ ~~50~~ ~~51~~ ~~52~~ ~~53~~ ~~54~~ ~~55~~ ~~56~~ ~~57~~ ~~58~~ ~~59~~ ~~60~~ ~~61~~ ~~62~~ ~~63~~ ~~64~~ ~~65~~ ~~66~~ ~~67~~ ~~68~~ ~~69~~ ~~70~~ ~~71~~ ~~72~~ ~~73~~ ~~74~~ ~~75~~ ~~76~~ ~~77~~ ~~78~~ ~~79~~ ~~80~~ ~~81~~ ~~82~~ ~~83~~ ~~84~~ ~~85~~ ~~86~~ ~~87~~ ~~88~~ ~~89~~ ~~90~~ ~~91~~ ~~92~~ ~~93~~ ~~94~~ ~~95~~ ~~96~~ ~~97~~ ~~98~~ ~~99~~ ~~100~~ ~~101~~ ~~102~~ ~~103~~ ~~104~~ ~~105~~ ~~106~~ ~~107~~ ~~108~~ ~~109~~ ~~110~~ ~~111~~ ~~112~~ ~~113~~ ~~114~~ ~~115~~ ~~116~~ ~~117~~ ~~118~~ ~~119~~ ~~120~~ ~~121~~ ~~122~~ ~~123~~ ~~124~~ ~~125~~ ~~126~~ ~~127~~ ~~128~~ ~~129~~ ~~130~~ ~~131~~ ~~132~~ ~~133~~ ~~134~~ ~~135~~ ~~136~~ ~~137~~ ~~138~~ ~~139~~ ~~140~~ ~~141~~ ~~142~~ ~~143~~ ~~144~~ ~~145~~ ~~146~~ ~~147~~ ~~148~~ ~~149~~ ~~150~~ ~~151~~ ~~152~~ ~~153~~ ~~154~~ ~~155~~ ~~156~~ ~~157~~ ~~158~~ ~~159~~ ~~160~~ ~~161~~ ~~162~~ ~~163~~ ~~164~~ ~~165~~ ~~166~~ ~~167~~ ~~168~~ ~~169~~ ~~170~~ ~~171~~ ~~172~~ ~~173~~ ~~174~~ ~~175~~ ~~176~~ ~~177~~ ~~178~~ ~~179~~ ~~180~~ ~~181~~ ~~182~~ ~~183~~ ~~184~~ ~~185~~ ~~186~~ ~~187~~ ~~188~~ ~~189~~ ~~190~~ ~~191~~ ~~192~~ ~~193~~ ~~194~~ ~~195~~ ~~196~~ ~~197~~ ~~198~~ ~~199~~ ~~200~~ ~~201~~ ~~202~~ ~~203~~ ~~204~~ ~~205~~ ~~206~~ ~~207~~ ~~208~~ ~~209~~ ~~210~~ ~~211~~ ~~212~~ ~~213~~ ~~214~~ ~~215~~ ~~216~~ ~~217~~ ~~218~~ ~~219~~ ~~220~~ ~~221~~ ~~222~~ ~~223~~ ~~224~~ ~~225~~ ~~226~~ ~~227~~ ~~228~~ ~~229~~ ~~230~~ ~~231~~ ~~232~~ ~~233~~ ~~234~~ ~~235~~ ~~236~~ ~~237~~ ~~238~~ ~~239~~ ~~240~~ ~~241~~ ~~242~~ ~~243~~ ~~244~~ ~~245~~ ~~246~~ ~~247~~ ~~248~~ ~~249~~ ~~250~~ ~~251~~ ~~252~~ ~~253~~ ~~254~~ ~~255~~ ~~256~~ ~~257~~ ~~258~~ ~~259~~ ~~260~~ ~~261~~ ~~262~~ ~~263~~ ~~264~~ ~~265~~ ~~266~~ ~~267~~ ~~268~~ ~~269~~ ~~270~~ ~~271~~ ~~272~~ ~~273~~ ~~274~~ ~~275~~ ~~276~~ ~~277~~ ~~278~~ ~~279~~ ~~280~~ ~~281~~ ~~282~~ ~~283~~ ~~284~~ ~~285~~ ~~286~~ ~~287~~ ~~288~~ ~~289~~ ~~290~~ ~~291~~ ~~292~~ ~~293~~ ~~294~~ ~~295~~ ~~296~~ ~~297~~ ~~298~~ ~~299~~ ~~300~~ ~~301~~ ~~302~~ ~~303~~ ~~304~~ ~~305~~ ~~306~~ ~~307~~ ~~308~~ ~~309~~ ~~310~~ ~~311~~ ~~312~~ ~~313~~ ~~314~~ ~~315~~ ~~316~~ ~~317~~ ~~318~~ ~~319~~ ~~320~~ ~~321~~ ~~322~~ ~~323~~ ~~324~~ ~~325~~ ~~326~~ ~~327~~ ~~328~~ ~~329~~ ~~330~~ ~~331~~ ~~332~~ ~~333~~ ~~334~~ ~~335~~ ~~336~~ ~~337~~ ~~338~~ ~~339~~ ~~340~~ ~~341~~ ~~342~~ ~~343~~ ~~344~~ ~~345~~ ~~346~~ ~~347~~ ~~348~~ ~~349~~ ~~350~~ ~~351~~ ~~352~~ ~~353~~ ~~354~~ ~~355~~ ~~356~~ ~~357~~ ~~358~~ ~~359~~ ~~360~~ ~~361~~ ~~362~~ ~~363~~ ~~364~~ ~~365~~ ~~366~~ ~~367~~ ~~368~~ ~~369~~ ~~370~~ ~~371~~ ~~372~~ ~~373~~ ~~374~~ ~~375~~ ~~376~~ ~~377~~ ~~378~~ ~~379~~ ~~380~~ ~~381~~ ~~382~~ ~~383~~ ~~384~~ ~~385~~ ~~386~~ ~~387~~ ~~388~~ ~~389~~ ~~390~~ ~~391~~ ~~392~~ ~~393~~ ~~394~~ ~~395~~ ~~396~~ ~~397~~ ~~398~~ ~~399~~ ~~400~~ ~~401~~ ~~402~~ ~~403~~ ~~404~~ ~~405~~ ~~406~~ ~~407~~ ~~408~~ ~~409~~ ~~410~~ ~~411~~ ~~412~~ ~~413~~ ~~414~~ ~~415~~ ~~416~~ ~~417~~ ~~418~~ ~~419~~ ~~420~~ ~~421~~ ~~422~~ ~~423~~ ~~424~~ ~~425~~ ~~426~~ ~~427~~ ~~428~~ ~~429~~ ~~430~~ ~~431~~ ~~432~~ ~~433~~ ~~434~~ ~~435~~ ~~436~~ ~~437~~ ~~438~~ ~~439~~ ~~440~~ ~~441~~ ~~442~~ ~~443~~ ~~444~~ ~~445~~ ~~446~~ ~~447~~ ~~448~~ ~~449~~ ~~450~~ ~~451~~ ~~452~~ ~~453~~ ~~454~~ ~~455~~ ~~456~~ ~~457~~ ~~458~~ ~~459~~ ~~460~~ ~~461~~ ~~462~~ ~~463~~ ~~464~~ ~~465~~ ~~466~~ ~~467~~ ~~468~~ ~~469~~ ~~470~~ ~~471~~ ~~472~~ ~~473~~ ~~474~~ ~~475~~ ~~476~~ ~~477~~ ~~478~~ ~~479~~ ~~480~~ ~~481~~ ~~482~~ ~~483~~ ~~484~~ ~~485~~ ~~486~~ ~~487~~ ~~488~~ ~~489~~ ~~490~~ ~~491~~ ~~492~~ ~~493~~ ~~494~~ ~~495~~ ~~496~~ ~~497~~ ~~498~~ ~~499~~ ~~500~~ ~~501~~ ~~502~~ ~~503~~ ~~504~~ ~~505~~ ~~506~~ ~~507~~ ~~508~~ ~~509~~ ~~510~~ ~~511~~ ~~512~~ ~~513~~ ~~514~~ ~~515~~ ~~516~~ ~~517~~ ~~518~~ ~~519~~ ~~520~~ ~~521~~ ~~522~~ ~~523~~ ~~524~~ ~~525~~ ~~526~~ ~~527~~ ~~528~~ ~~529~~ ~~530~~ ~~531~~ ~~532~~ ~~533~~ ~~534~~ ~~535~~ ~~536~~ ~~537~~ ~~538~~ ~~539~~ ~~540~~ ~~541~~ ~~542~~ ~~543~~ ~~544~~ ~~545~~ ~~546~~ ~~547~~ ~~548~~ ~~549~~ ~~550~~ ~~551~~ ~~552~~ ~~553~~ ~~554~~ ~~555~~ ~~556~~ ~~557~~ ~~558~~ ~~559~~ ~~560~~ ~~561~~ ~~562~~ ~~563~~ ~~564~~ ~~565~~ ~~566~~ ~~567~~ ~~568~~ ~~569~~ ~~570~~ ~~571~~ ~~572~~ ~~573~~ ~~574~~ ~~575~~ ~~576~~ ~~577~~ ~~578~~ ~~579~~ ~~580~~ ~~581~~ ~~582~~ ~~583~~ ~~584~~ ~~585~~ ~~586~~ ~~587~~ ~~588~~ ~~589~~ ~~590~~ ~~591~~ ~~592~~ ~~593~~ ~~594~~ ~~595~~ ~~596~~ ~~597~~ ~~598~~ ~~599~~ ~~600~~ ~~601~~ ~~602~~ ~~603~~ ~~604~~ ~~605~~ ~~606~~ ~~607~~ ~~608~~ ~~609~~ ~~610~~ ~~611~~ ~~612~~ ~~613~~ ~~614~~ ~~615~~ ~~616~~ ~~617~~ ~~618~~ ~~619~~ ~~620~~ ~~621~~ ~~622~~ ~~623~~ ~~624~~ ~~625~~ ~~626~~ ~~627~~ ~~628~~ ~~629~~ ~~630~~ ~~631~~ ~~632~~ ~~633~~ ~~634~~ ~~635~~ ~~636~~ ~~637~~ ~~638~~ ~~639~~ ~~640~~ ~~641~~ ~~642~~ ~~643~~ ~~644~~ ~~645~~ ~~646~~ ~~647~~ ~~648~~ ~~649~~ ~~650~~ ~~651~~ ~~652~~ ~~653~~ ~~654~~ ~~655~~ ~~656~~ ~~657~~ ~~658~~ ~~659~~ ~~660~~ ~~661~~ ~~662~~ ~~663~~ ~~664~~ ~~665~~ ~~666~~ ~~667~~ ~~668~~ ~~669~~ ~~670~~ ~~671~~ ~~672~~ ~~673~~ ~~674~~ ~~675~~ ~~676~~ ~~677~~ ~~678~~ ~~679~~ ~~680~~ ~~681~~ ~~682~~ ~~683~~ ~~684~~ ~~685~~ ~~686~~ ~~687~~ ~~688~~ ~~689~~ ~~690~~ ~~691~~ ~~692~~ ~~693~~ ~~694~~ ~~695~~ ~~696~~ ~~697~~ ~~698~~ ~~699~~ ~~700~~ ~~701~~ ~~702~~ ~~703~~ ~~704~~ ~~705~~ ~~706~~ ~~707~~ ~~708~~ ~~709~~ ~~710~~ ~~711~~ ~~712~~ ~~713~~ ~~714~~ ~~715~~ ~~716~~ ~~717~~ ~~718~~ ~~719~~ ~~720~~ ~~721~~ ~~722~~ ~~723~~ ~~724~~ ~~725~~ ~~726~~ ~~727~~ ~~728~~ ~~729~~ ~~730~~ ~~731~~ ~~732~~ ~~733~~ ~~734~~ ~~735~~ ~~736~~ ~~737~~ ~~738~~ ~~739~~ ~~740~~ ~~741~~ ~~742~~ ~~743~~ ~~744~~ ~~745~~ ~~746~~ ~~747~~ ~~748~~ ~~749~~ ~~750~~ ~~751~~ ~~752~~ ~~753~~ ~~754~~ ~~755~~ ~~756~~ ~~757~~ ~~758~~ ~~759~~ ~~760~~ ~~761~~ ~~762~~ ~~763~~ ~~764~~ ~~765~~ ~~766~~ ~~767~~ ~~768~~ ~~769~~ ~~770~~ ~~771~~ ~~772~~ ~~773~~ ~~774~~ ~~775~~ ~~776~~ ~~777~~ ~~778~~ ~~779~~ ~~780~~ ~~781~~ ~~782~~ ~~783~~ ~~784~~ ~~785~~ ~~786~~ ~~787~~ ~~788~~ ~~789~~ ~~790~~ ~~791~~ ~~792~~ ~~793~~ ~~794~~ ~~795~~ ~~796~~ ~~797~~ ~~798~~ ~~799~~ ~~800~~ ~~801~~ ~~802~~ ~~803~~ ~~804~~ ~~805~~ ~~806~~ ~~807~~ ~~808~~ ~~809~~ ~~810~~ ~~811~~ ~~812~~ ~~813~~ ~~814~~ ~~815~~ ~~816~~ ~~817~~ ~~818~~ ~~819~~ ~~820~~ ~~821~~ ~~822~~ ~~823~~ ~~824~~ ~~825~~ ~~826~~ ~~827~~ ~~828~~ ~~829~~ ~~830~~ ~~831~~ ~~832~~ ~~833~~ ~~834~~ ~~835~~ ~~836~~ ~~837~~ ~~838~~ ~~839~~ ~~840~~ ~~841~~ ~~842~~ ~~843~~ ~~844~~ ~~845~~ ~~846~~ ~~847~~ ~~848~~ ~~849~~ ~~850~~ ~~851~~ ~~852~~ ~~853~~ ~~854~~ ~~855~~ ~~856~~ ~~857~~ ~~858~~ ~~859~~ ~~860~~ ~~861~~ ~~862~~ ~~863~~ ~~864~~ ~~865~~ ~~866~~ ~~867~~ ~~868~~ ~~869~~ ~~870~~ ~~871~~ ~~872~~ ~~873~~ ~~874~~ ~~875~~ ~~876~~ ~~877~~ ~~878~~ ~~879~~ ~~880~~ ~~881~~ ~~882~~ ~~883~~ ~~884~~ ~~885~~ ~~886~~ ~~887~~ ~~888~~ ~~889~~ ~~890~~ ~~891~~ ~~892~~ ~~893~~ ~~894~~ ~~895~~ ~~896~~ ~~897~~ ~~898~~ ~~899~~ ~~900~~ ~~901~~ ~~902~~ ~~903~~ ~~904~~ ~~905~~ ~~906~~ ~~907~~ ~~908~~ ~~909~~ ~~910~~ ~~911~~ ~~912~~ ~~913~~ ~~914~~ ~~915~~ ~~916~~ ~~917~~ ~~918~~ ~~919~~ ~~920~~ ~~921~~ ~~922~~ ~~923~~ ~~924~~ ~~925~~ ~~926~~ ~~927~~ ~~928~~ ~~929~~ ~~930~~ ~~931~~ ~~932~~ ~~933~~ ~~934~~ ~~935~~ ~~936~~ ~~937~~ ~~938~~ ~~939~~ ~~940~~ ~~941~~ ~~942~~ ~~943~~ ~~944~~ ~~945~~ ~~946~~ ~~947~~ ~~948~~ ~~949~~ ~~950~~ ~~951~~ ~~952~~ ~~953~~ ~~954~~ ~~955~~ ~~956~~ ~~957~~ ~~958~~ ~~959~~ ~~960~~ ~~961~~ ~~962~~ ~~963~~ ~~964~~ ~~965~~ ~~966~~ ~~967~~ ~~968~~ ~~969~~ ~~970~~ ~~971~~ ~~972~~ ~~973~~ ~~974~~ ~~975~~ ~~976~~ ~~977~~ ~~978~~ ~~979~~ ~~980~~ ~~981~~ ~~982~~ ~~983~~ ~~984~~ ~~985~~ ~~986~~ ~~987~~ ~~988~~ ~~989~~ ~~990~~ ~~991~~ ~~992~~ ~~993~~ ~~994~~ ~~995~~ ~~996~~ ~~997~~ ~~998~~ ~~999~~ ~~1000~~ Sã Oliveira

Bairro: S. João Cabrito, SSA/BA. Há quantos anos mora neste bairro: 08 anos

Mora com quantas pessoas? 04 Tem filhos? ( ) SIM  NÃO Quantos? \_\_\_\_\_

Como avalia o seu bairro: bairro interessante e muita gente talentosa.

De que forma você acha que os outros moradores avaliam o seu bairro: \_\_\_\_\_

*2º grau em curso* Da mesma forma que ele.

De que forma você acha que o seu bairro é retratado na mídia? \_\_\_\_\_

Discriminado.

O seu bairro é valorizado pela atual gestão pública? Se sim, como sente que é valorizado? Se não, porque acredita que não é valorizado? \_\_\_\_\_

Nos últimos meses sim, acredita que eles estão valorizando mais.

Já sofreu algum tipo de discriminação por morar neste bairro? ( ) SIM  NÃO

Há quanto tempo trabalha com artes plásticas? Dois Trabalha sozinho? Sozinho e em coletivo

Qual o material que você mais utiliza em seu trabalho? tinta spray / latex *tam.*

Exerce outra função além de artista plástico? Qual? Não.

Como avalia o seu trabalho com artes plásticas? Trabalho coletivo que reflete o cotidiano das pessoas q residem no bairro

Você se sente reconhecido e valorizado no campo das artes plásticas? E as suas obras?

Sim. Mais reconhecido

Você acredita que o fato de você morar na periferia interfere no seu trabalho? S / N

Ajudar bastante. Incentivando.

Data de aplicação do questionário: 11/10/2014.

**Anexo 10** – Formulário aplicado a Raimundo Nunes (Ray Bahia), artista entrevistado pelo projeto. Preenchimento de formulário feito por Leandro Souza durante a entrevista.

RAY BAHIA

Formulário-base de pré-produção das filmagens da  
"Websérie: A Beleza Invisível"

\* Este formulário precede ao processo de filmagens e será aplicado somente aos artistas plásticos convidados pelo projeto, as perguntas aqui elencadas serão utilizadas como base para o roteiro do documentário.

Nome completo: Raimundo Nunes Santos

Nome artístico: Ray Bahia Idade: 60 Data de nascimento: 01/01/1964

Endereço: Rua das Virgens, #27C

Bairro: Periperi, SSA / BA. Há quantos anos mora neste bairro: 40

Mora com quantas pessoas? 03 Tem filhos?  SIM ( ) NÃO Quantos? 5

Como avalia o seu bairro: Não é tranquilo, há uma sensação de tranquilidade por conhecer as pessoas há muito tempo.

De que forma você acha que os outros moradores avaliam o seu bairro:  Acredita que as pessoas gostam do bairro.

De que forma você acha que o seu bairro é retratado na mídia? A maioria considera violento.

O seu bairro é valorizado pela atual gestão pública? Se sim, como sente que é valorizado? Se não, porque acredita que não é valorizado? Se não, porque acredita que não é valorizado? há poucas melhorias em bairros próximos. Deveria haver mais.

Já sofreu algum tipo de discriminação por morar neste bairro?  SIM ( ) NÃO Tanto de cliente quanto pela

Há quanto tempo trabalha com artes plásticas? vida toda Trabalha sozinho? não emissão de

Qual o material que você mais utiliza em seu trabalho? Metais (Cobre/Alumínio/latão)

Exerce outra função além de artista plástico? Qual? não. já foi dançarino profissional

Como avalia o seu trabalho com artes plásticas? Há uma sensação que na técnica há uma realização profissional, mas na parte financeira não

Você se sente reconhecido e valorizado no campo das artes plásticas? E as suas obras? Sim. Mais reconhecido do que valorizado.

Você acredita que o fato de você morar na periferia interfere no seu trabalho? S / N Interfere na valorização financeira do trabalho. Dificulta o valor.

Data de aplicação do questionário: 14/10/2014

Há um reconhecimento dos moradores

Anexo 11 – Formulário aplicado a Joel Souza, artista entrevistado pelo projeto. Preenchimento de formulário feito por Leandro Souza durante a entrevista.

Joel

Formulário-base de pré-produção das filmagens da  
"Websérie: A Beleza Invisível"

\* Este formulário precede ao processo de filmagens e será aplicado somente aos artistas plásticos convidados pelo projeto, as perguntas aqui elencadas serão utilizadas como base para o roteiro do documentário.

Nome completo: Joel Souza da Conceição

Nome artístico: Joel Souza Idade: 51 Data de nascimento: 14/05/63

Endereço: Rua das Pedrinhas n° 77

Bairro: Plataforma, SSA / BA. Há quantos anos mora neste bairro: 51

Mora com quantas pessoas? 4 Tem filhos? ( SIM ( ) NÃO) Quantos? 2

Como avalia o seu bairro: Plataforma é o melhor bairro do mundo. Plataforma tem muita coisa boa.  
De que forma você acha que os outros moradores avaliam o seu bairro: Mesma consideração que ele.

De que forma você acha que o seu bairro é retratado na mídia? Há uma discriminação forte como subúrbio retratado na mídia

O seu bairro é valorizado pela atual gestão pública? Se sim, como sente que é valorizado? Se não, porque acredita que não é valorizado? Falta muita coisa. Há reivindicações da população.

Já sofreu algum tipo de discriminação por morar neste bairro? ( SIM ( ) NÃO)

Há quanto tempo trabalha com artes plásticas? 15 Trabalha sozinho? Sim.

Qual o material que você mais utiliza em seu trabalho? 100% reaproveitado  
(latão/ garrafa pet/ cartões telefônicos)

Exerce outra função além de artista plástico? Qual? Não.

Como avalia o seu trabalho com artes plásticas? \_\_\_\_\_

Você se sente reconhecido e valorizado no campo das artes plásticas? E as suas obras?  
Sim, se sente mais valorizado comparado ao período anterior de reciclagem.

Você acredita que o fato de você morar na periferia interfere no seu trabalho? S / N  
Não, o diferencial do trabalho está no artista.

Data de aplicação do questionário: 11/10/2014.

**Anexo 12** – Formulário aplicado a Ivana Magalhães, artista entrevistada pelo projeto.

Preenchimento de formulário feito por Leandro Souza durante a entrevista.

Formulário-base de pré-produção das filmagens da  
"Websérie: A Beleza Invisível"

\* Este formulário precede ao processo de filmagens e será aplicado somente aos artistas plásticos convidados pelo projeto, as perguntas aqui elencadas serão utilizadas como base para o roteiro do documentário.

Nome completo: Ivana Pereira de Magalhães

Nome artístico: Ivana Magalhães Idade: 40 Data de nascimento: 02/07/74

Endereço: Rua São Felix, n.º 06

Bairro: Itacaranha, SSA / BA. Há quantos anos mora neste bairro: 30,  
Ensino Superior.

Mora com quantas pessoas? Com +1 Tem filhos?  SIM ( ) NÃO Quantos? 1

Como avalia o seu bairro: Acha tranquilo, mesmo ciente da segurança, acredito que é um lugar tranquilo pra morar. As pessoas confiam uma nas outras.  
De que forma você acha que os outros moradores avaliam o seu bairro: \_\_\_\_\_

Os outros moradores tm se sentem tranquilos, não à toa moram há mais de 20, 30 anos. Muitos constroem casas em cima de parentes  
De que forma você acha que o seu bairro é retratado na mídia? \_\_\_\_\_

De forma negativa. Se de falar suburbano, parece que o conceito/lug de marginalidade está subentendido e isto é muito complicado.  
O seu bairro é valorizado pela atual gestão pública? Se sim, como sente que é valorizado? Se não, porque acredita que não é valorizado? Não.

\_\_\_\_\_

Já sofreu algum tipo de discriminação por morar neste bairro?  SIM ( ) NÃO

Há quanto tempo trabalha com artes plásticas? 12 Trabalha sozinho? Sim

Qual o material que você mais utiliza em seu trabalho? Pintura em cerâmica

Exerce outra função além de artista plástico? Qual? Sim, professora do Ens. Fund.

Como avalia o seu trabalho com artes plásticas? Qualia como um trabalho criativo/alegre, de identificação pq as pessoas associam sua arte com suas características.

Você se sente reconhecido e valorizado no campo das artes plásticas? E as suas obras?  
Mais ou menos. Quem conhece, valoriza.

Você acredita que o fato de você morar na periferia interfere no seu trabalho? S / N  
Com certeza. Pela visão negativa que associam ao subúrbio, o fato de ser mulher, negra, suburbana, mãe solteira e professora da rede estadual.

É visto com alguém incapaz de produzir arte.

Data de aplicação do questionário: 17/10/2014

**Anexo 13** – Estruturação do roteiro de filmagem:

Curta documentário:

**“A Beleza Invisível”**

um roteiro de  
Leandro Souza

[leandro.producao@hotmail.com](mailto:leandro.producao@hotmail.com)

(71) 8691-1358 / 9162-6327

Salvador, outubro de 2014



## **//Estruturando o roteiro do curta “A Beleza Invisível”**

### **Situação**

Artistas plásticos e visuais atuam / moram há anos no Subúrbio Ferroviário de Salvador, território este marcado e subestimado pela repercussão de estigmas sociais que, aos serem reforçados, interferem no reconhecimento e valorização dos trabalhos artísticos desenvolvidos nesta localidade.

### **Ideia / Recorte Audiovisual**

Selecionar 05 artistas (cada um de um bairro diferente) e registrar seus depoimentos acerca da sua criação artística, impressões sobre o mercado das artes plásticas / visuais e a relação do seu trabalho com o bairro onde reside, a fim de compreender os estágios de reconhecimento e valorização de uma produção artística na periferia.

### **Intenção do projeto**

Dar visibilidade a esta atuação silenciosa dos artistas que, através da sua arte, confrontam diariamente às perspectivas discriminatórias e estigmatizantes lançadas sobre as periferias. Apresentando assim, uma outra percepção sobre a produção e fruição artística no Subúrbio Ferroviário de Salvador.

### **Resultado da proposta**

Obter cinco depoimentos alinhados com imagens dos artistas e suas obras, de cenas cotidianas do bairro e de possíveis representações que venham a ser relevantes para o projeto, tudo concentrado num curta de tempo médio entre 15 a 20 minutos.

### **Questionamento / Provocação central**

“Como a elaboração artística pode se tornar um instrumento de confronto e superação dos estigmas históricos de violência e pobreza que marcam as periferias e as isolam numa margem de invisibilidade e silenciamento?”

## **Foco discursivo**

Identidade e território.

## **//Tratamento**

### **Proposta do documentário:**

- Mostrar que é possível produzir e desenvolver processos artísticos num ambiente subestimado pela ótica do preconceito social;
- Conhecer a trajetória destes artistas e de como eles lidam com esse enfrentamento diário da marginalização social imposta historicamente;
- Entender os níveis de visibilidade e reconhecimento destes artistas e dos seus trabalhos, através dos seus depoimentos.

### **Abordagem:**

As entrevistas serão realizadas com os artistas de forma isolada e as gravações ocorrerão no ambiente de trabalho de cada artista, onde serão captados os depoimentos (provocados por uma série de questionamentos), além de informações adicionais que forem pertinentes no momento.

### **Conteúdo do documentário:**

- Depoimentos de cinco artistas sobre suas trajetórias, impressões sobre o mercado de artes plásticas e visuais, além das relações / influências dos seus trabalhos com o Subúrbio.
- Serão utilizadas duas câmeras, uma frontal sempre em plano médio para melhor captação dos depoimentos e outra para plano detalhe dos personagens e da locação de filmagem.
- A trilha sonora será constituída de som ambiente e de músicas selecionadas que aparecerão em momentos específicos (a serem inseridas no processo de edição).

*(Este roteiro conta com suposição de personagens e planos servindo como base para o filme, podendo haver alterações por questões da imprevisibilidade do fazer documentário e da complexidade do tema ao tratar das vivências, impressões e memórias afetivas de cada personagem).*

#### **#01 – Ext – Dia – Estação de trem / Bairro de Escada**

Em um plano geral (PG), Índio está na estação de trem do bairro de Escada, sentado num banco (de frente e sem olhar para a câmera em momento algum), enquanto outras pessoas transitam normalmente. Em off, surge a sua voz relatando o significado da “beleza” na vida dele. Ao terminar a fala dele, no canto da tela, no espaço que estiver visualmente mais limpo, aparece o título do projeto. Trem passa. Tela escurece.

#### **#02 – TELA PRETA – CRÉDITO**

Título: A Beleza Invisível. Trilha começa.

#### **#03 – Ext – Dia – Ruas dos bairros do subúrbio**

Em plano geral (PG) / plano médio (PM) imagens do cotidiano do subúrbio (jovens jogando bola, pessoas no ponto de ônibus, idosos em uma partida de dominó ou cartas de baralho), tudo acompanhado pela trilha sonora. Trilha encerra.

#### **#04 – Int – Dia - Casa de Ray Bahia / área que utiliza para trabalho**

Em um plano americano (PA) / plano próximo (PP), Ray Bahia (sentado) fala sobre sua trajetória artística e suas impressões do mercado de artes plásticas, som ambiente.

Corta para ele em atividade (trabalhando em uma obra) num plano médio (PM) ou uma sequencia de plano detalhe (PD) nas obras, ainda com voz em off.

Crédito: Ray Bahia, 60 / Periperi

#### **#05 – Int – Dia - Casa de Índio / área que utiliza para trabalho**

Em um plano americano (PA) / plano próximo (PP), Índio (sentado) complementa a fala de Ray Bahia falando também sobre sua relação com o bairro e um pouco da sua trajetória artística, som ambiente.

Corta para ele em atividade (trabalhando em uma obra) num plano médio (PM) ou uma sequencia de plano detalhe (PD) nas obras, ainda com voz em off.

Crédito: Índio, 57 / Escada

#### **#06 – Int – Dia - Casa de Perinho / área que utiliza para trabalho**

Em um plano americano (PA) / plano próximo (PP), Perinho (sentado) fala sobre o seu projeto de “Livro aberto” que consiste em paginar pinturas nos muros do bairro e a associação que muitos fazem do seu trabalho com a loucura, som ambiente.

Corta para ele em atividade (trabalhando em uma obra) num plano médio (PM) ou uma sequencia de plano detalhe (PD) nas obras, ainda com voz em off.

Crédito: Perinho Santana, 52 / Plataforma

**#07 – Ext – Dia – Rua / Muro grafitado ao fundo com um dos trabalhos de Solis**

Em um plano americano (PA) / plano próximo (PP), Solis (em pé) fala como se deu seu envolvimento com a arte (grafite) e suas impressões sobre a valorização da arte de rua, som ambiente.

Corta para ele em atividade (trabalhando num novo grafite) num plano médio (PM) ou uma sequencia de plano detalhe (PD) no grafite e material de trabalho, ainda com voz em off.

Crédito: Solis, 19 / São João do Cabrito

**#08 – Int – Dia - Casa de Ivana / espaço que utiliza para trabalho artístico**

Em um plano americano (PA) / plano próximo (PP), Ivana (sentada em sua cadeira de trabalho) fala sobre sua trajetória artística e suas impressões de como a produção de periferia é vista no circuito cultural da cidade, som ambiente.

Corta para ela em atividade (trabalhando em uma obra) num plano médio (PM) ou uma sequencia de plano detalhe (PD) nas obras, ainda com voz em off.

Crédito: Ivana Magalhães, 40 / Itacaranha

Os depoimentos dos cinco vão sendo intercalados (considerando as perguntas do roteiro-base), podendo aparecer imagens do bairro com voz em off.

**#00 – Créditos finais**

Após o término dos depoimentos, créditos aparecem com imagens do bairro ao fundo, intercaladas com imagens dos artistas em momentos espontâneos (registrados durante as filmagens). Trilha sonora entra.

FIM

**ROTEIRO-BASE DE PERGUNTAS  
PARA OS ARTISTAS ENTREVISTADOS:**

▪ **Provocação Inicial**

1. *“O que é a beleza pra você e qual o sentido que a beleza tem na sua vida e na sua arte?”*

▪ **Sobre o processo de criação artística:**

2. *Quem é (nome do artista)? / Como você se definiria?*

3. *Quando e como você começou a trabalhar com artes plásticas?*

4. *Como surgiu o seu nome artístico?*

5. *De onde vem a inspiração do seu trabalho?*

6. *Existe alguma referência artística que você acaba trazendo para as suas obras? Qual?*

7. *Já trabalhou ou trabalha em alguma outra função além de artista plástico?*

8. *O que mais te motiva a trabalhar com artes plásticas?*

9. *Como você sente que as pessoas próximas a você (amigos / familiares) avaliam o seu trabalho?*

▪ **Sobre as impressões acerca do mercado de artes plásticas:**

10. *O seu trabalho lhe permite ou já permitiu um retorno financeiro satisfatório?*

11. *Como você vende as suas obras? Existe ou já existiu algum mediador (marchand) na comercialização do seu trabalho?*

12. *Você acredita que o mercado de artes plásticas em Salvador seja seletivo ou tem espaço para todos os artistas?*

13. *Você costuma ter contato com outros artistas plásticos ou tem acompanhado o trabalho de algum artista específico nos últimos anos?*

14. *O que você acha de organizações como o Sindicato de Artistas Plásticos e Visuais da Bahia? Acha importante a mobilização no setor para discussão e melhorias de trabalho? Já teve alguma proximidade?*

15. *Com qual frequência você participa de atividades culturais em teatro, cinema, museus na cidade? Qual espaço / atividade você tem mais contato?*

▪ **Sobre a relação com o bairro:**

16. *Você acha que o subúrbio faz parte do circuito cultural de Salvador? Como você avalia o acesso dos suburbanos a estes espaços / atividades culturais?*
17. *Você acha que o seu trabalho é mais ou menos reconhecido por você morar no subúrbio?*
18. *Você já sofreu algum tipo de preconceito em seu trabalho por morar no subúrbio? (Se sim, como?)*
19. *Como bem sabemos, a imprensa (na maioria das vezes) costuma retratar o subúrbio associando a pobreza e a criminalidade. Mas, pra você, o que é que o subúrbio tem de positivo que a imprensa ainda não mostrou e deveria mostrar? Você tem percebido mudanças na representação do subúrbio através da mídia?*
20. *Como você acha que o seu trabalho ajuda a superar o estigma de pobreza e violência que muitas pessoas ainda tendem a associar com a imagem e o imaginário social do subúrbio?*

▪ **Sobre visibilidade e perspectiva de futuro:**

21. *Você acha que o seu trabalho é visível pra quem?*
22. *O que o seu trabalho representa pra você hoje?*
23. *Existe alguma possibilidade de você abandonar o ramo das artes plásticas?*
24. *O que você mais espera do futuro relacionado ao seu trabalho?*
25. *Considerações finais.*

*Este roteiro-base serve para indicar caminhos e proporcionar mais possibilidades na edição / finalização do processo documental, podendo as perguntas serem seguidas na íntegra, serem alternadas conforme as respostas de cada artista ou, até mesmo, serem acrescentadas com novas perguntas, conforme o andamento das filmagens.*

**Anexo 15 – Termo de autorização de uso de imagem – Nilton Ariston (Índio)**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Nome Nilton Ariston Jobo  
RG nº 1266412859, CPF nº 04880430501  
Reside na rua da Estação, n° 08  
Bairro Escada, Salvador / Ba. Data de Nascimento 19/05/55.

Eu, autorizo o uso de minha voz e imagem pela produção do documentário "A Beleza Invisível" para que possa veicular em materiais de divulgação e comunicação interna e externa. Desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade, a presente autorização é concedida a título gratuito, válida em todo e qualquer território, e sem prazo específico. Esta autorização abrange todas as modalidades de veiculação, seja impressa, digital e/ou eletrônica, e é de uso restrito aos realizadores e parceiros do documentário supracitado.

Por meio desta declaro autorizado o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou a qualquer outro.

Salvador, 23 de novembro de 2011.  
(Local e data)  
Nilton Ariston Jobo  
(Nome completo)

**Anexo 16 – Termo de autorização de uso de imagem – Raimundo Nunes (Ray Bahia)**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Nome Raimundo Nunes Santos  
RG nº 00824899 04, CPF nº 120.648.315.68  
Reside na rua Das Virgens, n: 275  
Bairro Periperi, Salvador / Ba. Data de Nascimento 1/1/52.

Eu, autorizo o uso de minha voz e imagem pela produção do documentário "A Beleza Invisível" para que possa veicular em materiais de divulgação e comunicação interna e externa. Desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade, a presente autorização é concedida a título gratuito, válida em todo e qualquer território, e sem prazo específico. Esta autorização abrange todas as modalidades de veiculação, seja impressa, digital e/ou eletrônica, e é de uso restrito aos realizadores e parceiros do documentário supracitado.

Por meio desta declaro autorizado o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou a qualquer outro.

Salvador, 25 de Novembro 2014  
(Local e data)

Raimundo Nunes Santos  
(Nome completo)



Anexo 17 – Termo de autorização de uso de imagem – Ivana Magalhães

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Nome IVANA PEREIRA DE MAGALHÃES  
RG nº 404204694, CPF nº 907324305-00  
Reside na rua SÃO FELIX, N° 36  
Bairro ITACARANHA, Salvador / Ba. Data de Nascimento 02/07/74.

Eu, autorizo o uso de minha voz e imagem pela produção do documentário "A Beleza Invisível" para que possa veicular em materiais de divulgação e comunicação interna e externa. Desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade, a presente autorização é concedida a título gratuito, válida em todo e qualquer território, e sem prazo específico. Esta autorização abrange todas as modalidades de veiculação, seja impressa, digital e/ou eletrônica, e é de uso restrito aos realizadores e parceiros do documentário supracitado.

Por meio desta declaro autorizado o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou a qualquer outro.

Salvador, 25 de novembro 2014  
(Local e data)

Ivana Pereira de Magalhães  
(Nome completo)

**Anexo 18** – Termo de autorização de uso de imagem – Péricles Bonfim (Perinho Santana)

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Nome Péricles Bonfim de Santana  
RG nº 012.7534598, CPF nº 23240261553  
Reside na rua dos ferroviários, n.º 79  
Bairro Plataforma, Salvador / Ba. Data de Nascimento 24/12/1961

Eu, autorizo o uso de minha voz e imagem pela produção do documentário "A Beleza Invisível" para que possa veicular em materiais de divulgação e comunicação interna e externa. Desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade, a presente autorização é concedida a título gratuito, válida em todo e qualquer território, e sem prazo específico. Esta autorização abrange todas as modalidades de veiculação, seja impressa, digital e/ou eletrônica, e é de uso restrito aos realizadores e parceiros do documentário supracitado.

Por meio desta declaro autorizado o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou a qualquer outro.

Salvador, 23 de novembro de 2014  
(Local e data)

Péricles Bonfim de Santana  
(Nome completo)



**Anexo 19 – Termo de autorização de uso de imagem – Gutemberg Gonçalves (Solis)**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Nome Gutemberg Gonçalves da Silva  
RG nº 34.725.569-44, CPF nº 069.810.025-58  
Reside na rua Alameda São Oliveira  
Bairro São João do Cabrito Salvador / Ba. Data de Nascimento 28/11/94

Eu, autorizo o uso de minha voz e imagem pela produção do documentário "A Beleza Invisível" para que possa veicular em materiais de divulgação e comunicação interna e externa. Desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade, a presente autorização é concedida a título gratuito, válida em todo e qualquer território, e sem prazo específico. Esta autorização abrange todas as modalidades de veiculação, seja impressa, digital e/ou eletrônica, e é de uso restrito aos realizadores e parceiros do documentário supracitado.

Por meio desta declaro autorizado o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou a qualquer outro.

Salvador, 25/11/2014  
(Local e data)

Gutemberg Gonçalves da Silva  
(Nome completo)

**Anexo 20** – Termo de autorização de uso de trilha sonora: “Novo Dia” Composição:  
Alysson Costa / Intérprete: Banda Tallowah

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE TRILHA SONORA**

Nome ALYSSON SANTOS COSTA  
RG nº 0701905506, CPF nº 013.661.275-01  
Reside na rua 24 de OUTUBRO N° 39  
Bairro PLATAFORMA, Salvador / Ba. Data de Nascimento 21/09/81

Eu, acima firmado e identificado, detentor(a) dos direitos patrimoniais de autor da(s) música(s) abaixo listada(s), autorizo a produção do documentário “A Beleza Invisível” o uso da música “Novo Dia” (Composição: Alysson Costa / Intérprete: Banda Tallowah) para que possa veicular em materiais de divulgação e comunicação interna e externa.

Desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade, a presente autorização é concedida a título gratuito, válida em todo e qualquer território, e sem prazo específico. Esta autorização abrange todas as modalidades de veiculação, seja impressa, digital e/ou eletrônica, e é de uso restrito aos realizadores e parceiros do documentário supracitado.

Salvador, 24 de Novembro de 2014  
(Local e data)

Alysson Santos Costa  
(Nome completo)



**Anexo 20** – Termo de autorização de uso de trilha sonora: “Samba do Tempo”  
Composição: Victor Antonio (música) e José Eduardo (letra) / Intérprete: José Eduardo.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE TRILHA SONORA**

Nome Victor Antonio dos Santos  
RG nº 1178273337, CPF nº 05065092530  
Reside na rua 1ª Travessa Santa Antonio Nº 7/A  
Bairro Plataforma, Salvador / Ba. Data de Nascimento 14/09/1989

Eu, acima firmado e identificado, detentor(a) dos direitos patrimoniais de autor da(s) música(s) abaixo listada(s), autorizo a produção do documentário “A Beleza Invisível” o uso da música “Samba do Tempo” (Composição: Victor Antonio dos Santos (música) e José Eduardo Ferreira Santos (letra) / Intérprete: José Eduardo) para que possa veicular em materiais de divulgação e comunicação interna e externa.

Desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade, a presente autorização é concedida a título gratuito, válida em todo e qualquer território, e sem prazo específico. Esta autorização abrange todas as modalidades de veiculação, seja impressa, digital e/ou eletrônica, e é de uso restrito aos realizadores e parceiros do documentário supracitado.

Salvador, 21 de Novembro de 2014

(Local e data)

Victor Antonio dos Santos  
(Nome completo)

**Anexo 21** – Termo de autorização de uso de trilha sonora: “Samba do Tempo”  
Composição: Victor Antonio (música) e José Eduardo (letra) / Intérprete: José Eduardo.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE TRILHA SONORA**

Nome José Eduardo Ferreira Santos  
RG nº 0511 5221 50, CPF nº 716062705 91  
Reside na rua Sá Oliveira, 2A, CEP 40717-380  
Bairro Plataforma, Salvador / Ba. Data de Nascimento 28/12/1974.

Eu, acima firmado e identificado, detentor(a) dos direitos patrimoniais de autor da(s) música(s) abaixo listada(s), autorizo a produção do documentário “A Beleza Invisível” o uso da música “Samba do Tempo” (Composição: Victor Antonio dos Santos (música) e José Eduardo Ferreira Santos (letra) / Intérprete: José Eduardo) para que possa veicular em materiais de divulgação e comunicação interna e externa.

Desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade, a presente autorização é concedida a título gratuito, válida em todo e qualquer território, e sem prazo específico. Esta autorização abrange todas as modalidades de veiculação, seja impressa, digital e/ou eletrônica, e é de uso restrito aos realizadores e parceiros do documentário supracitado.

Salvador, 21 de novembro de 2014  
(Local e data)

José Eduardo Ferreira Santos  
(Nome completo)



**Anexo 22** – Termo de autorização de uso de trilha sonora: “Ave Agourenta”  
Composição e Intérprete: José Eduardo.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE TRILHA SONORA**

Nome José Eduardo Ferreira Santos  
RG nº 0511522150, CPF nº 71606270591  
Reside na rua Sá Oliveira, 2A - CEP 40.717-380  
Bairro Plataforma, Salvador / Ba. Data de Nascimento 28/12/1974

Eu, acima firmado e identificado, detentor(a) dos direitos patrimoniais de autor da(s) música(s) abaixo listada(s), autorizo a produção do documentário “A Beleza Invisível” o uso da música “Ave Agourenta” (Composição e Intérprete: José Eduardo Ferreira Santos) para que possa veicular em materiais de divulgação e comunicação interna e externa.

Desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade, a presente autorização é concedida a título gratuito, válida em todo e qualquer território, e sem prazo específico. Esta autorização abrange todas as modalidades de veiculação, seja impressa, digital e/ou eletrônica, e é de uso restrito aos realizadores e parceiros do documentário supracitado.

Salvador, 21 de novembro de 2014  
(Local e data)

José Eduardo Ferreira Santos  
(Nome completo)

Anexo 23 – Imagens do making off



Crédito: Álvaro Réu



Crédito: Ualex Bispo